



Linguística e sociedade: Desafios contemporâneos

Data: 22 de maio – 26 de maio 2017

Local: Auditório Istán Jancsó da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Caderno de Resumos



Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas - Departamento de
Linguística Programa de Pós-graduação em
Semiótica e Linguística Geral

Comissão

Integrantes da Comissão Organizadora

Coordenação

Luiz Fernando Ferreira
Marcos Costa

Tesouraria

Daniel Leite
Dany Gonçalves

Design Gráfico

Karolin Obert
Mariana Viel

Equipe de divulgação

Letícia Lima
Priscila Lima

Integrantes da Comissão Científica

Fonética e Fonologia

Graziela Pigatto Bohn

Morfosintaxe

Janayna Carvalho

Semântica e Línguas não Indo-europeias

Lara Frutos

Sociolinguística

Lívia Oushiro

Semiótica

Paula Martins de Sousa
Sueli Ramos

Linguística Histórica

Thomas Finbow

Historiografia Linguística

Eliza Tashiro

Apresentação

O XX ENAPOL (Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Linguística) visa discutir as pesquisas em andamento dos alunos de pós-graduação do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo.

A vigésima edição do evento ocorrerá de 22 à 26 de maio de 2017.

O ENAPOL desse ano visa refletir sobre a relação entre linguística e sociedade observando qual a influência de diferentes cenários atuais (político, econômico, teórico) na pesquisa linguística. Dessa maneira, o tema “Linguística e sociedade: desafios contemporâneos” norteará as palestras do evento.

Adriana Elisa Inácio

adrianainacio81@yahoo.com.br

Pôster

Orientador: Ivã Carlos Lopes



Acontecimento e Resolução em *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector

Caracterizado por um paroxismo no que diz respeito à aceleração e à tonificação, assim como pela concentração espaciotemporal, o acontecimento – tal como concebido pelo semioticista francês Claude Zilberberg – configura-se como um sobrevir, ou seja, um evento repentino e não passível de antecipação, que, por seu caráter concessivo/excessivo, atinge o sujeito de maneira drástica, destituindo-o de sua competência modal e, conseqüentemente, de sua capacidade para a ação. Como resultado, o sujeito se vê impelido (sob pena de permanecer indefinidamente sob domínio da inação e do não-sentido) a empreender um programa de resolução, com vistas a atenuar o impacto do acontecimento e, ao mesmo tempo, restabelecer o fluxo discursivo, interrompido por esse mesmo impacto. Tendo por base os postulados teóricos da semiótica francesa e os desenvolvimentos provenientes da gramática tensiva, procuraremos evidenciar, na construção do romance *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, aspectos de uma narrativa cujo desenrolar constitui um esquema resolutivo. Neste, um excesso em termos de vivência, promovido pela irrupção de um objeto-acontecimento no campo de presença do sujeito, atua como elemento gerador de uma falta em termos linguístico-discursivos, a qual se manifesta, no romance, através de um sentimento de inaptidão para o relato da própria vivência. A decorrência natural dessa insuficiência seria sua conversão em um movimento progressivo de busca efetuado pelo sujeito, visando à apreensão da experiência pelo discurso ou, como aponta Zilberberg (2011: 12), à conciliação entre “o concebido e o vivenciado”. Entretanto, o caráter concessivo do acontecimento faz com que ele seja, a princípio, ininteligível para o sujeito, o que impossibilita uma resposta discursiva imediata. Assim, o percurso do sujeito clariceano é pautado por obstáculos aparentemente intransponíveis no que se refere à discursivização do vivido, que, por seu caráter de experiência-limite, acaba por ser alçado à esfera do indizível. O desafio que *A Paixão segundo G.H.* nos coloca, então, é o de tentar encontrar uma solução semiótica que dê conta de um objeto que, por sua própria natureza, parece pertencer ao domínio do irrepresentável.

Palavras chave: tensividade; acontecimento; resolução; Clarice Lispector

Amanda de Lima Santana

alsantana11@gmail.com

Comunicação

Orientador: Ronald Beline Mendes



A influência das redes sociais no processo de acomodação dialetal: o caso de sergipanos em São Paulo

Este estudo tem como objetivo verificar os graus de acomodação na fala de sergipanos residentes na região metropolitana de São Paulo, no que diz respeito à produção das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, em palavras como “relógio” e “coragem”, dentro do aporte teórico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). A partir de uma amostra coletada de acordo com a dinâmica das “redes sociais” (MILROY & LLAMAS, 2013 [2002]), a pesquisa vem analisando se o contato frequente dos migrantes com outros sergipanos e demais nordestinos favorece a manutenção da pronúncia sergipana (que significa uma produção mais frequente de vogais abertas (NASCENTES, 1953 [1922])) e se a interação com paulistas e paulistanos favorece a acomodação à pronúncia paulistana. Diferentemente da grande maioria dos estudos sobre vogais médias pretônicas, o presente trabalho lida com os valores dos formantes F1 e F2 das vogais, de modo que torna possível verificar possíveis graus intermediários de acomodação dos falantes, já que se trata de uma variável contínua. Foram coletadas gravações com informantes de duas redes distintas, uma formada por 16 indivíduos e outra por 11. A comparação dos dados está sendo feita com dois corpora: SP2010 (MENDES & OUSHIRO, 2012) e “Falares Sergipanos” (FREITAG, 2013). A partir da estrutura de cada uma das redes, a pesquisa também busca analisar se os tipos de relações estabelecidas entre seus membros influencia o processo de acomodação. Nesse sentido, a análise preliminar dos dados mostra que o fato de uma das redes ser mais fechada favorece a manutenção do falar sergipano, enquanto os informantes da rede mais aberta apresentam taxas maiores de acomodação à pronúncia paulistana. Tal resultado corresponde ao que é encontrado na literatura, já que estudos como o de Bortoni-Ricardo (1985 [2011]) mostram que nas redes mais abertas existe uma tendência maior de acomodação, se comparadas às redes mais fechadas.

Palavras chave: Acomodação dialetal; vogais médias pretônicas; redes sociais; Sergipe

Ana Carolina Gomes da Silva

ana.gomes.silva@usp.br

Comunicação

Orientador: Felipe Venâncio Barbosa



Aplicação experimental do Assessment Protocol of Pragmatic Linguistic Skills – APPLS (GERBER & GURLAND, 1989) em falantes nativos de português brasileiro

Instrumentos de avaliação de linguagem são ferramentas importantes para que um pesquisador ou profissional da área da saúde possa avaliar a preservação da linguagem e da comunicação em pacientes com afasia, uma patologia apresentada por pessoas que tenham experienciado algum episódio de lesão cerebral que trouxe prejuízos à linguagem (AHLSEN, 2006). Sendo assim, este estudo se propõe a aplicar em caráter experimental, o Assessment Protocol of Pragmatic-Linguistic Skills - APPLS (GERBER & GURLAND, 1989) em falantes nativos de português brasileiro (PB), comparando-o a alguns subtestes da Bateria Boston Para Diagnóstico de Afasia - BDAE (GOODGLASS, KAPLAN & BARRESI, 2001), com relação a diferenças de desempenho entre faixas etárias, influência de aspectos de saúde, estilo e trajetória de vida no desempenho de ambos os testes e tipos de resultados obtidos em cada instrumento. O protocolo APPLS foi desenvolvido com base na análise da conversação, visando avaliar a preservação da linguagem em pacientes afásicos em interações dialógicas, sob o ponto de vista do interlocutor e possui parâmetros linguísticos e pragmáticos que devem ser observados e inventariados com relação a sua ocorrência durante a interação. Esse instrumento possui poucos estudos no Brasil e também está sendo traduzido para o PB no presente trabalho. Já a Bateria Boston está estruturada em sub-testes que permitem ao clínico estabelecer o tipo de afasia do paciente e avaliar sua performance em diferentes tipos de tarefas linguísticas, auxiliando-o assim a traçar a melhor estratégia terapêutica a ser seguida (BERNARDOS, 1992). Este estudo baseia-se no conceito de linguagem enquanto função cognitiva do cérebro que estando em interdependência com as outras funções cognitivas, pode ser influenciada por condições de saúde, estilo e trajetória de vida pessoais. Por conta disso foi adotado o modelo STAC-R (REUTER-LORENZ & PARK, 2014) sobre fatores depletivos e protetivos para a cognição humana na condução deste estudo. Para a realização da coleta de dados foram entrevistados até o momento 58 voluntários, dentro dos seguintes critérios de inclusão: ter entre 18 e 75 anos de idade, ensino fundamental completo (no mínimo), e ser falante nativo de português brasileiro. A parte experimental está estruturada assim: é realizada uma entrevista gravada com cada voluntário, sendo em seguida aplicados um teste de dominância manual e três subtestes da parte de Discriminação Auditiva da Bateria Boston. Após a realização da entrevista é feita a transcrição do áudio e a aplicação do APPLS. As análises ainda estão em curso, mas espera-se que ao final, o estudo apresente uma sugestão de valores de referência para a utilização do protocolo na população brasileira, apresentando também um pequeno panorama de possíveis fatores que podem influenciar nos resultados obtidos com a sua aplicação, disponibilizando assim mais um instrumento de avaliação de linguagem em língua portuguesa.

Palavras chave: Instrumentos de avaliação de linguagem; Habilidades linguísticas e pragmáticas; Cognição

Andressa Toni

andressa.toni@usp.br

Pôster

Orientadora: Raquel Santana Santos



Estratégias de reparo à aquisição do ataque ramificado CCV: representação estrutural, subespecificação de traços ou adaptação articulatória?

Este projeto de pesquisa insere-se nos estudos que abordam o modo como as estruturas silábicas se desenvolvem no sistema fonológico infantil – especificamente, a estrutura de ataque ramificado CCV (Consoante1+Consoante2+Vogal) do Português Brasileiro. Embora o CCV configure-se como o último tipo silábico a ser adquirido pela criança, por volta dos 5;0 anos (LAMPRECHT, 1993), palavras contendo esta estrutura podem figurar como alvos na produção infantil mesmo antes dos 2;0 anos (RIBAS, 2003; TONI, 2016), em itens como ‘BRAvo’, ‘tiGRE’, ‘GRANde’, ‘BLUsa’, ‘PLANta’. Tais alvos são produzidos pela criança pequena por meio de estratégias de reparo, que podem visar modificar tanto a estrutura da sílaba – desfazendo o ataque C1C2 por meio de apagamentos (CCV>>C1V; C2V), epênteses (CCV>>CV.CV) ou metáteses (CCV>>CVC) – quanto podem visar sua combinação segmental – alterando a qualidade da consoante oclusiva em C1 ou da líquida em posição C2. Segundo Toni (2016), os mais frequentes reparos infantis visam reduzir o ataque CCV à sílaba C1V (como em ['ba.vɔ], ['ʃi.gɾ], ['gã.dʒɾ], ['bu.zɛ], ['pã.te]), ou ainda alterar o segmento líquido da sílaba CCV, substituindo-o por glides ou pelo valor contrário de seu traço [±lateral] (como em ['bla.vɔ], ['ʃi.gjɾ], ['glã.dʒɾ], ['bwu.zɛ], ['prã.te]). Com base na relação entre estas modificações e o desenvolvimento linguístico da criança, faz-se possível observar o percurso de aquisição da estrutura CCV, examinando a formação do molde silábico ramificado e de seus filtros segmentais. Deste modo, o projeto visa investigar como as sílabas CCV seriam constituídas no sistema infantil, em relação tanto à estrutura do ataque ramificado quanto à sua composição segmental. Em vista disso, a pesquisa busca analisar se as reduções e substituições impostas ao CCV pela criança teriam causa majoritariamente fonológica/estrutural ou fonética/articulatória. Isto porque os reparos em direção CCV>>C1V podem ter causa tanto na ausência (ou incipiência) da estrutura ramificada no sistema silábico infantil, como podem também ser motivados por uma dificuldade articulatória em produzir a combinação oclusiva+líquida em posição tautossilábica (RIBAS, 2003). Já os reparos orientados à substituição das líquidas, por sua vez, podem motivar-se tanto pelo desenvolvimento incipiente das consoantes líquidas no inventário segmental infantil como também por uma possível subespecificação inicial das líquidas em posição C2, nos termos de Hernandorena&Lamprecht (1997) e Fikkert (2010) – isto é, cogita-se que somente parte do conjunto de traços de /l, r/ esteja disponível à criança, inicialmente. Para verificar estas perspectivas, o estudo a ser conduzido seguirá metodologia experimental, contrapondo i) estímulos CV, CCV e C1V (advindos de CCV>>C1V de palavras familiares), visando observar a diferenciação ou equiparação dos ataques ramificados (reduzidos ou não) aos ataques simples; e ii) estímulos C/l/V e C/r/V, contrapondo-os a alterações no valor de seu traço [±lateral] ou a substituições por /j, w/, visando verificar diferenciações ou equiparações a depender da direção das substituições. Para tanto, serão utilizados testes de compreensão como o Julgamento de Aceitabilidade e o Paradigma do Olhar Antecipatório (Fikkert, 2010; Zamuner&Jhonson, 2011). Com isso, o projeto pretende contribuir aos estudos acerca do

nível de detalhe fonético-fonológico observado no início e ao longo do processo de desenvolvimento linguístico da criança.

Palavras chave: Fonologia; Aquisição da linguagem; Sílabas



Antônia Fernanda de Souza Nogueira

fernandapakori@gmail.com

Comunicação

Orientadora: Luciana Raccanello Storto



Propriedades nominais vs. verbais em Wayoro (Tupi): nominalização vs. subordinação

Rodrigues e Cabral (2012, p. 533) reconstróem para o Proto-Tupi o sufixo nominalizador *-ap ‘nome de circunstância’. Conforme os autores, o Proto-Tupi utilizava as nominalizações em uma variedade de contextos sintáticos, incluindo aqueles em que poderiam corresponder a orações complemento, relativas e adverbiais. O sufixo {-p} da língua Wayoro é reflexo de *-ap do Proto-Tupi. A língua Wayoro (Ayuru, Wayoró, Wajuru) pertence à família Tupi, subfamília Tupari, e está localizada no estado de Rondônia (Brasil). Neste trabalho, argumentaremos que, em Wayoro, as nominalizações que ocorrem como orações complementos com o sufixo {-p} devem ser analisadas como sentenças subordinadas ou encaixadas uma vez que têm propriedades sentenciais que nominalizações lexicais com o sufixo {-p}, por sua vez, não permitem. Utilizando como teste propriedades sintáticas e morfossintáticas internas à língua, tentaremos distinguir nominalização via {-p} vs. subordinação via {-p}. Nossa hipótese é que há dois tipos de construções envolvendo {-p}: uma que tem propriedades de sintagma nominais e outra que tem propriedades de sentenças.

Nossa metodologia envolve a identificação de construções com {-p} em textos, bem como diferentes técnicas de elicitación, a saber, tradução de português para Wayoro, tradução de Wayoro para português, manipulação de dados e solicitação de julgamento de gramaticalidade (BOWER, 2008, p. 77). A descrição e a análise preliminar tomam como base teórica a literatura disponível sobre a subfamília linguística Tupari e sobre a família Tupi, bem como estudos tipológicos sobre nominalização e subordinação (van GJIN, HAUDE, MUYSKEN, 2011; CRISTOFARO, 2003).

Com base no comportamento de construções do tipo o-ndoa-p [1SG-deitar-NMLZ] ‘minha rede’, verificamos que, na nominalização, a construção com {-p} se comporta sintaticamente como sintagma nominal (SN), uma vez que pode funcionar como objeto de verbos, como objeto de uma posposição, pode ser modificada por um adjetivo ou outro SN e não permite o uso de afixos verbais, como o morfema de aspecto {-rara~-ara} ‘repetição’. Como sentenças subordinadas, as construções com {-p} que funcionam como complemento de um verbo permitem diferentes afixos verbais, como o transitivizador {mõ~-õ} ‘causativo’, aspecto {-rara~-ara} ‘repetição’, mas não ocorrem com morfema {-t} ‘não-futuro’ e não permitem concordância (nas sentenças subordinadas intransitivas). Note, em (1), abaixo, que a construção com {-p}, entre colchetes, é complemento do verbo {toa} ‘ver’. Neste contexto sintático, é possível o uso do morfema de aspecto {-rara} ‘repetição’ e o verbo intransitivo {ndoa} ‘deitar’ ocorre com o prefixo pessoal (obrigatório em verbos intransitivos).

(1) Verbo {ndoa} ‘deitar’ em sentença subordinada: verbo com prefixo pessoal obrigatório e com morfema de aspecto

[e-ndo-rara-p]	toa-t	on
2SG-deitar-REP-P	ver-NFUT	1SG
<i>‘Eu vi você deitar de novo’</i>		

Palavras chave: Língua Wayoro (Tupi); Nominalização; Subordinação

Arthur Pereira Santana

arthurpereirasantana@gmail.com

Comunicação

Orientadora: Raquel Santana Santos



Médias pretônicas em um dialeto nordestino: resultados preliminares

Esta pesquisa busca analisar, com base na Geometria de Traços (Clements 1991), as vogais médias pretônicas no dialeto de São Luís. Tendo em vista que as regras de neutralização propostas para o Português Brasileiro (cf. Wetzels, 1992) levam em consideração os dialetos do sul/sudeste, as vogais médias-baixas em contextos átonos, características de dialetos nordestinos (ex. p[ɛ]lada, b[ɔ]lada), deixam de ser capturadas por estas regras, motivo pelo qual se faz necessário que se avalie tais propostas bem como que se defina as motivações para a emergência das vogais médias-baixas. Para tanto, foram realizados experimentos com vinte indivíduos nascidos e criados em São Luís (Maranhão), de ambos os sexos e da mesma faixa etária (entre 20 e 35 anos). O experimento consistia na leitura de palavras inseridas em uma frase veículo e repetidas aleatoriamente durante o experimento por três vezes, totalizando 645 produções por informante e resultando em um corpus total de 12.900 dados. Estas palavras são representativas de dois grandes grupos – palavras derivadas e palavras não-derivadas. Nesta apresentação, serão discutidos os resultados obtidos com as palavras não-derivadas, que representam 4.800 dados da amostragem geral (2.400 palavras com a vogal média anterior e 2.400 com a vogal média Pôsterior na pretônica). A respeito da distribuição geral, as vogais médias-baixas foram as mais recorrentes em ambas as pautas ([ɛ] - 55% [e] - 41,7% [i] - 3,3%; [ɔ] - 59,8% [o] - 39,1% [u] - 1,1%). Testou-se a correlação da Altura da Vogal Tônica, do Contexto Fonológico Precedente, do Contexto Fonológico Subsequente e do Peso Silábico com a Altura da Vogal Pretônica. Os resultados obtidos com o teste de qui-quadrado mostraram correlação significativa da Vogal Pretônica com a Altura da Vogal tônica e com o Peso Silábico. Especificamente, vogais médias-altas foram produzidas mais vezes na pretônica quando, na tônica, havia também uma média-alta. Por sua vez, médias-baixas emergiram mais vezes na pretônica quando na tônica havia uma média-baixa ou uma baixa. Interessantemente, a vogal alta na tônica não pareceu estar correlacionada com a elevação da altura da vogal pretônica. A respeito do Peso Silábico, observou-se que médias-altas emergiram significativamente mais vezes na pretônica quando a sílaba pretônica era pesada por uma nasal ou por uma palatal (ex. b[o]ndosa; t[e]xtura). Por sua vez, médias-baixas emergiram mais vezes quando a sílaba pretônica era pesada por outros segmentos, especialmente /h/. Isto ocorreu ainda nos casos em que vogal tônica era alta (ex. p[ɛ]rfume, t[ɔ]rmento). Tais fatos servirão, juntamente dos resultados obtidos com as palavras derivadas, como evidência empírica que norteará a análise. Na apresentação, também será apresentado um cronograma que explicita o modo como se pretende desenvolver as atividades futuras do desenvolvimento da pesquisa.

Palavras chave: Vogais médias; Pretônicas; Dialeto Nordeste

Beatriz Domingues Corá Fuser

bfuser@gmail.com

Comunicação

Orientador: Paulo Chagas de Souza



O sistema vocálico do saami de Skolt – uma perspectiva diacrônica

O presente projeto visa ao estudo do sistema vocálico do saami de Skolt (língua da família fino-úgrica, falada na Finlândia e na Rússia) ao longo do século XX e suas transformações, com base em transcrições fonéticas anteriores à Segunda Guerra, outras da década de 70 (pós-fragmentação dos dialetos originais e no início do processo de gramaticalização), até a gramática mais recente da língua, datada de 2015. Procuo traçar as particularidades dos dialetos originais quanto ao sistema vocálico e analisar os diferentes momentos da língua à luz da perspectiva variacionista de Guy (Joseph et al., 2003), segundo o qual, numa língua, anteriormente ao que é chamado de mudança, mais provavelmente houve uma coexistência de formas diferentes, e, com o tempo, a prevalência de uma delas. O saami de Skolt é uma língua minoritária, falada por um povo indígena de mesmo nome, cujo número estimado de falantes varia entre 150 e 300 (Feist, 2015:22). Impactos profundos na comunidade de fala ocorreram ao longo do século XX, em especial, a realocação do povo Skolt de seus territórios originais na Rússia para a Finlândia, por volta da década de 40. Sammallahti (1998) dividiu os dialetos originais do saami de Skolt entre norte (dialetos de Näättämö e Paatsjoki) e sul (Suonikylä e Nuortijärvi). O dialeto de Nuortijärvi ainda persiste em território russo, com aproximadamente uma dezena de falantes (Feist, 2015:23), e o de Näättämö encontra-se extinto. O corpus da pesquisa foi organizado a partir das seguintes fontes: o registro em transcrição fonética dos dialetos originais, feito no período pré-fragmentação, por T. Itkonen, no formato do dicionário Koltan- ja Kuolanlapin sanakirja (2011, edição digitalizada); as transcrições fonéticas e fonológicas da língua feitas por Korhonen entre as décadas de 60 e 70 (Korhonen, 1971); e a descrição da fonética e fonologia do saami de Skolt mais recente feita por Feist (2015), que leva em conta a situação do saami de Skolt no século XXI. Analisando comparativamente esses dados, é possível identificar como vem ocorrendo a concorrência de variantes, e como o século XX impactou a diversidade dialetal do saami de Skolt, no recorte correspondente ao sistema vocálico. Um dos fatores observados foi, no dialeto de Paatsjoki, a ocorrência alofones frontalizados, em comparação às vogais e ditongos nos dialetos do sul (Suonikylä e Nuortijärvi). Estes dois, como era de se esperar, são mais semelhantes entre si, ainda que Suonikylä apresente certa frontalização em comparação com Nuortijärvi. Ao longo do século XX, nota-se a prevalência das variantes menos frontalizadas, de modo que Korhonen, na década de 70, já aponta algumas variantes frontalizadas caindo em desuso.

Palavras chave: saami; fonética e fonologia; variação; sistema vocálico

Bruna Soares Polachini

bpolachini@gmail.com

Comunicação

Orientadora: Olga Ferreira Coelho Sansone



Uma historiografia serial e conceitual da gramaticografia brasileira de língua portuguesa do século XIX

Nesta comunicação, apresentamos uma síntese da tese finalizada. Dentro da perspectiva de uma historiografia linguística metodologicamente consciente (Koerner 2004[1995]), tivemos três propostas. A primeira foi a elaboração de um mapeamento exaustivo da produção gramatical brasileira do português do século XIX, realizada por meio da consulta de textos conhecidos via fontes secundárias (sobretudo, Blake, 1883-1902) e catálogos de bibliotecas. Considerando reedições, tivemos conhecimento de mais de duzentas obras. A partir dos dados coletados, que, em geral, eram título, subtítulo, autor, ano de publicação, local e casa impressora, formalizamos unidades de análise para, ao relacioná-los, criar uma História Serial dessa produção. Essa história juntamente com a leitura das obras disponíveis e resenha das revisões históricas já feitas permitiram que fizéssemos a seleção de vinte obras representativas da tradição estudada, para que nelas fosse feita uma análise vertical interna. A seleção se baseou em quatro critérios combinados: (1) prestígio; (2) emergência; (3) institucionalização; (4) diálogo com gramáticas de prestígio. Nossa segunda proposta corresponde à análise de dados internos dessas vinte gramáticas relativos às classes de palavras e ao tratamento da sintaxe. A hipótese dessa análise, baseada em Auroux (2009[1992]) e Swiggers (2010), é de que alguns conceitos poderiam ser eixo de uma rede conceitual devido sua influência técnica e, eventualmente, teórica em uma determinada tradição de descrição linguística. Essa hipótese surgiu nos resultados de nossa pesquisa de mestrado, em que, ao notar a complexidade da dimensão técnica (cf. Swiggers 2004) de algumas obras dessa tradição, pensamos ser necessário procurar meios de tornar sua análise mais homogênea (cf. Polachini 2013, Polachini 2016). Para testá-la, analisamos o conceito-chave de 'verbo substantivo' apresentado nas obras selecionadas, que são amiúde influenciadas pela tradição da *grammaire générale* francesa, ao menos até 1880, quando passa a haver também influência do método histórico-comparativo na gramaticografia brasileira. Foi necessário formalizar uma metodologia a fim de reconhecer a rede conceitual em torno do 'verbo substantivo', o que corresponde à terceira proposta desta pesquisa. Primeiramente, definimos conceitos gramaticais como sendo formados por meio de processos classificatórios da cadeia falada. Tais processos têm como produto, por um lado, termos, e, por outro, conceitos. Estes últimos podem ser analisados intensionalmente, por meio de sua definição e seu lugar numa determinada taxonomia, ou extensionalmente, considerando o inventário de dados linguísticos eleitos como exemplos e eventuais ilustrações desses dados em uso. Cada conceito é, portanto, analisado por meio das seguintes categorias: definição, taxonomia, exemplos e por seus termos. Consideramos "rede conceitual" as relações travadas entre o conceito-chave, o 'verbo substantivo', e conceitos que selecionamos, os quais são relativos a concepção de gramática e de linguagem, metaclasses e classes de palavras, determinação e qualificação do nome, verbo, oração (seus itens e sua organização) apresentadas nas obras. Essas relações podem ser de cinco tipos: (1) identidade, (2) inclusão, (3) base teórica comum, (4) nenhuma, (5) pragmática. Tal metodologia nos permitiu uma visão mais clara e homogênea da dimensão técnica das obras (e de sua eventual

originalidade e ecletismo), além de proporcionar outra visão de continuidades e descontinuidades dessa produção.

Palavras chave: História Serial; Século XIX; Gramaticografia brasileira do português; Verbo Substantivo



Carina Silva Fragozo

cfragozo@gmail.com

Comunicação

Orientadora: Raquel Santana Santos



Aquisição fonológica do inglês como segunda língua

Nesta pesquisa investigo a aquisição do inglês por falantes de português brasileiro através da análise de três fenômenos fonológicos: a relação entre sílaba e acento, que é totalmente diferente nas duas línguas e se dá através da marcação de parâmetros métricos; a retração de acento, que ocorre de maneira muito semelhante no inglês e no português e representa uma regra a ser transferida da L1 para a L2; e a assimilação de vozeamento, que existe em ambas as línguas, mas de maneira diferente e, portanto, trata-se de uma regra a ser modificada. Assim, este trabalho investiga não apenas a possibilidade de reparametrização na aquisição de L2, através do estudo da relação entre sílaba e acento no inglês e no PB, mas também a possibilidade de aplicar regras existentes na L1 e que ocorrem de maneira semelhante na L2 (retração de acento) ou de maneira diferente (assimilação de vozeamento). Busca-se compreender, portanto, se é mais fácil adquirir uma regra igual, uma regra semelhante ou, ainda, remarcar um parâmetro existente na língua materna durante o processo de aquisição de segunda língua. A amostra é composta por 30 falantes brasileiros de inglês divididos em três níveis de proficiência (básico, intermediário e avançado), além de 7 falantes nativos, que constituíram o grupo de controle. Para a coleta dos dados, foram utilizados 3 instrumentos diferentes, um para cada fenômeno, totalizando 11.100 dados. Os resultados obtidos até o momento parecem indicar que modificar uma regra (i.e., assimilação de vozeamento) pode ser mais difícil do que transferir uma regra existente na L1 (i.e., retração de acento) ou remarcar um parâmetro (i.e., sílaba e acento).

Palavras chave: Aquisição de L2; Regra Fonológica; Reparametrização

Cássio Augusto Alves de Andrade Santos

cassioandradesantos@hotmail.com

Comunicação

Orientadora: Beatriz Raposo



Vogais cantadas e tonicidade: relações entre duração e formantes

Na pesquisa de doutorado, já finalizada, elaboramos um experimento fonético-acústico que nos permitiu observar como se realizam as diferentes tonicidades das vogais no canto. Estudos a respeito da produção das vogais do português brasileiro e o correlato acústico do acento apontam a duração como principal correlato e, portanto, responsável pela distinção entre tônicas, pré-tônicas e pós-tônicas, sendo as tônicas as mais longas (Fernandes, 1976, Massini-Cagliari, 1992). Ao escolhermos para o experimento uma canção cujas notas das frases melódicas eram representadas na partitura com uma mesma figura rítmica, indicando, pois, que devem ser realizadas com durações iguais entre si, perguntamo-nos como as vogais da letra dessa canção se comportariam no que diz respeito à relação entre tonicidade e duração. Assumimos a hipótese de que a métrica musical é capaz de influenciar a duração das vogais, ou seja, que a relação temporal entre as vogais tônicas e as átonas seja diferente no canto. O experimento foi elaborado de modo a testar todas as vogais tônicas, pré-tônicas e pós-tônicas, faladas e cantadas, em logatomas inseridos no texto da canção. As análises descritivas (duração média, desvio padrão e coeficiente de variação) e os testes estatísticos apontaram (i) que as vogais cantadas são mais longas que as vogais faladas; (ii) as pré-tônicas e as pós-tônicas cantadas não diferem; e (iii) no canto, as vogais de um mesmo grupo acentual não se diferem quanto a duração. Sobre o padrão formântico das vogais, as análises de F1 e F2 indicaram que as vogais cantadas não diferem das faladas. Foi observado também que, no canto, não ocorrem vogais pós-tônicas ensurdecidas, como na fala. A comunicação deste ano busca apresentar as relações observadas entre duração e padrão formântico no canto popular coletado.

Palavras chave: fala; canto; tonicidade; duração; formantes

Cecilia Farias de Souza

alt.ceci@gmail.com

Comunicação

Orientadora: Evani de Carvalho Viotti



Os diferentes usos interacionais do pronome dativo galego

Assim como outras línguas, o galego tem um uso dos pronomes dativos que vai além da codificação dos participantes de um evento denotado pelo verbo ou por qualquer outro item lexical que codifique uma relação que envolva participantes. Enquanto algumas formas do pronome dativo se referem a um dos argumentos do verbo (“Deiche un regalo”), outras têm um uso de caráter pragmático (“Quen che me dera!”, “Meu fillo sacoume moi boas notas”). O percurso escolhido para descrever esse segundo uso, chamado aqui de dativo interacional, foi estudar a semântica do caso dativo, partindo da Teoria dos Protótipos e os processos de categorização humana (segundo Rosch, Langacker, Lakoff, e outros) para compreender o que seria uma relação dativa prototípica, e, a partir dessa, pensar nos usos pragmáticos como extensões da semântica de Caso, conforme as discussões propostas por Janda (1988, 2004) e Fried (2011) para o tcheco, e Haddad (2013) para o árabe libanês. Verifiquei que, quando se usa o pronome interacional, a esfera de afetação do dativo se expande, mapeando a relação dativa para os participantes da interação. Nesse caso, não é apenas o elemento marcado com o caso dativo que é afetado, mas sim toda a sentença. No entanto, o pronome interacional pode afetar os interlocutores de diferentes formas. O falante pode usá-lo para envolver o interlocutor na narração, buscando criar solidariedade ou cumplicidade com o evento narrado (“Non che me gusta nada ese vestido”); nesse caso, temos o dativo interacional de solidariedade. Por outro lado, o pronome também pode indicar a pessoa que é afetada, positiva ou negativamente, pelo evento narrado (“Non me sexas mentireiro”), caso do dativo interacional de interesse. Apresentarei os resultados da pesquisa sobre esses dois diferentes usos interacionais, descrevendo suas funções na interação linguística, bem como suas contribuições à construção do significado do enunciado em que se encontram.

Palavras chave: Dativo interacional; galego; gramática cognitiva

Clariana Lara Vieira

clariana.vieira@usp.br

Comunicação

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Grolla



O constituinte-QU in situ e os efeitos do Common Ground e Priming

No Português Brasileiro há diferentes maneiras de realizar perguntas-QU, como o movimento de QU ou sua permanência in situ que parecem, à primeira vista, opcionais. Entretanto, em estudos anteriores, como Grolla (2009) e Sikansi (1999), constatou-se que a opção in situ é menos utilizada em relação a sua contraparte: com base em dados espontâneos infantis, Grolla relatou apenas 2% de QU-in situ e Sikansi, 0%. Ademais, há uma aquisição tardia desta construção, sendo, de acordo com Grolla, a última estratégia de pergunta a emergir, surgindo apenas aos 3;9 de idade. O problema, portanto, reside no fato de a opção supostamente mais econômica ser a menos frequente e de emergência mais tardia nos dados espontâneos. Objetivo: Dada a baixa produção de perguntas com QU-in situ na fala de crianças, o objetivo central deste estudo é investigar a aquisição desta construção. Para tanto, o método utilizado foi o de produção eliciada em contextos com estabelecimento de Common Ground (informação previamente compartilhada pelos falantes) já que, de acordo com Pires & Taylor (2007), eles facilitariam o surgimento do QU-in situ. Além disso, também controlaremos contextos de Priming (de acordo com Branigan et al (1995), é um fenômeno no qual a exposição a uma sentença com uma construção sintática particular pode afetar o processamento subsequente de uma outra sentença com estrutura igual ou similar). Metodologia: A fim de atender aos objetivos, foram eliciadas perguntas com constituintes QU simples. O pesquisador, a partir de instruções que manipulavam Common Ground e Priming, incentivava a criança a fazer perguntas ao fantoche. Resultados e Discussão: Já foram entrevistadas 29 crianças com idades entre 4;6 e 5;6 e 60 adultos falantes de PB. As crianças produziram 11,5% de perguntas com QU-in situ e os adultos, 37,5%. Esses resultados indicam que a metodologia foi adequada aos propósitos da pesquisa e possibilitou a observação de crianças produzindo taxas superiores de QU-in situ em relação aos dados espontâneos.

Palavras chave: aquisição de linguagem; QU-in situ; Common Ground; Priming

Processos de formação de verbos em Dâw

Este projeto pretende analisar a formação de verbos na língua indígena Dâw, pertencente à família linguística Nadahup (Epps, 2012), falada na região Média do Rio Negro, no noroeste do estado Amazonas (AM). Para este trabalho, buscamos dados de verbos compostos em narrativas gravadas e traduzidas por falantes nativos e, em uma segunda etapa, pretendemos realizar testes morfossintáticos e prosódicos com os falantes. Segundo Martins (2004), Dâw é uma língua isolante-analítica, portanto muitas noções que normalmente seriam expressas por meio de um afixo ou uma desinência presa a uma raiz são expressas por palavras gramaticais. Por sua escassez de morfologia flexional e derivacional, processos de gramaticalização e lexicalização são muito produtivos na língua, pois morfemas lexicais como verbos gramaticalizam-se para formarem morfemas de aspecto homófonos, enquanto que processos de incorporação e serialização verbal são responsáveis pela co-lexicalização, ou seja, pela criação de novos conceitos verbais através da composição entre morfemas lexicais. Abaixo, verificamos sentenças retiradas das narrativas que exemplificam alguns desses fatos:

(1)

aa' ked rid nôox wôob dôo
esse em 3P água embarcar fazer
'eles embarcaram nela'

(2)

a-jaay dâw yâa yar yâa tir-ũũy
isso-depois a.gente voltar buscar voltar 3S-MDO
'depois a gente volta, a gente traz ela'

(3)

nũkwaar dâr tee pen nĩi xâd nã mũg
o.antigo PLZ filho morrer ficar deixar esse aqui
'os antigos morreram e ficaram só os filhos aqui'

Exemplos como estes servirão de base para elicitación de testes que revelem se a justaposição de verbos em um sintagma refere-se a construções sintáticas ou a compostos lexicalizados na língua. Como a língua carece de morfologia, uma mesma forma pode levar a diferentes construções, como uma subordinação, coordenação, construção com verbos seriais (CVS) entre outras. Portanto, serão investigadas as seguintes hipóteses em relação a essa construção verbal: se são locuções verbais, serializações verbais cristalizadas na língua (compostos de fato), períodos compostos ou um verbo modificado por um morfema aspectual (em especial, (3), já que o verbo xâd; possui uma forma homófona de aspecto durativo). Portanto, os testes utilizarão construções retiradas

das narrativas para, em seguida, realizar modificações como alteração da ordem entre os morfemas, acréscimo de advérbio, inserção de elemento entre os dois itens e negação. Estes testes serão importantes para verificar se tratam-se de dois predicados ou apenas um (caso dos compostos e das CVS). Também pretendemos realizar testes prosódicos para verificar se estas construções podem ser consideradas compostos, já que, segundo Martins (2004), a CVS em Dâw cria novos conceitos verbais a partir da composição entre dois verbos. Em uma CVS, os verbos constituem palavras prosódicas independentes, enquanto que, na composição derivada de CVS, os verbos constituem uma só palavra prosódica. Dessa maneira, será possível verificar a aplicação das regras de acentuação e tom em compostos lexicalizados, em oposição às construções sintáticas. Com isso, esperamos entender melhor a morfologia verbal da língua Dâw, e como seu caráter isolante-analítico opera de maneira singular para a codificação de eventos e ampliação do léxico verbal.



Palavras chave: Tipologia; Morfossintaxe verbal; Dâw

Clarissa Ferreira Monteiro

clarissafmonteiro@gmail.com

Comunicação

Orientador: Antonio Vicente Seraphim Pietroforte



A memória fragmentada: um estudo sobre Building Stories à luz da semiótica

Este trabalho visa a apresentar a pesquisa de mestrado que se encontra em andamento sobre Building Stories, do quadrinista norte-americano Chris Ware. Serão explorados os aspectos poéticos desse quadrinho, que pode ser considerado uma obra experimental: ele é composto por quatorze impressos, com formatos variados e que não apresentam ao leitor uma ordem determinada de leitura. Isto significa que a ordem escolhida não é o foco desse objeto, mas sim o processo de leitura: ao apresentar um conjunto de histórias alinear, Ware propõe ao leitor apreciar as narrativas em uma experiência que se aproxime daquela do indivíduo que acessa as suas memórias (pegando seus vários fragmentos e construindo a temporalidade e a identidade dos seus personagens aos poucos). As histórias em Building Stories lidam com temas como solidão, melancolia, alienação. Seus personagens, por sua vez, se mostram em conflito consigo mesmos e com os outros ao seu redor, em narrativas que realizam categorias semânticas como identidade vs. alteridade, ser vs. parecer, continuidade vs. descontinuidade, etc. A diagramação, por sua vez, é bastante sofisticada e por vezes, labiríntica: se suas histórias lidam com a rotina e o tédio, a leitura se torna o acontecimento, retirando o leitor de sua zona de conforto. Por se tratar de um texto sincrético, esta pesquisa irá analisar as histórias por seus elementos verbais (quando presentes) e plásticos, utilizando como base teórica a semiótica de Greimas – a partir de Barros (2005) e Fiorin (1989) – e os estudos de Jean-Marie Floch (1985), assim como as contribuições de Pietroforte (2004; 2009) para os estudos das poéticas experimentais. Outros textos sobre o tema de quadrinhos estão sendo utilizados como suporte para os textos semióticos, mais especificamente aqueles que trabalham com as convenções pictóricas dos quadrinhos, como os de McCloud (2005), Gravett (2014) e Groensteen (2015). Será apresentada a evolução da pesquisa até o presente momento, incluindo a análise de uma das histórias, de modo que sejam estabelecidas as relações semissimbólicas entre plano de expressão e plano de conteúdo dentro da narrativa e como estas orientam o sentido do texto.

Palavras chave: histórias em quadrinhos; semiótica; semissimbolismo

Cleide Lima da Silva

cleidelimadasilva@gmail.com

Comunicação

Orientadora: Norma Discini



Onze de setembro francês: uma narrativa de manipulações e intimidações

Em 2015, a França sofreu uma série de ataques terroristas. Em novembro daquele ano, dezenas de pessoas foram mortas em um dos piores ataques ao país, o qual foi considerado o maior da história. O Charlie Hebdo, jornal francês que sofrera um atentado no mesmo ano, publicou uma charge sobre o evento ocorrido naquele novembro. Tentaremos semiotizar esse episódio. É naquele contexto, portanto, que pretendemos desenvolver nossa comunicação, com vistas a apresentar as estratégias discursivas utilizadas pelo jornal, na charge de capa da edição nº 1217, de 18 de novembro de 2015. A semiótica discursiva oferece recursos para descrevermos mecanismos da construção do sentido da charge, a qual deve oferecer indicações de como se discursiviza uma posição contrária ao discurso fundamentalista islâmico, respaldado dos ataques terroristas. Duas axiologias contrárias estão subjacentes à charge – e aquela relativa aos fundamentalistas islâmicos é recusada, no modo da sátira. As manipulações empregadas pelos extremistas nas práticas fundamentalistas são rejeitadas na enunciação do jornal. São as manipulações discursivas, realizadas por meio de ameaças, ou através de sanções negativas, aplicadas por meio de punições àqueles que se negam a realizar a performance desejada pelos destinadores-manipuladores (terroristas) – que estão implícitas para serem recusadas pela charge. O exemplo figurativizado na charge indica que as manipulações de intimidação, próprias às práticas fundamentalistas, não surtem efeito em seus destinatários, os chargistas do Charlie Hebdo. Para essa análise, apoiar-nos-emos nos estudos da Semiótica Francesa (GREIMAS; COURTÉS, 2016), com ponto de partida no nível narrativo do percurso gerativo do sentido. Mas essa análise também se voltará para os estudos da semiótica visual (FLOCH, 1985) para investigar como o plano do conteúdo e o plano da expressão (HJELMSLEV, 2003) em um texto verbo-visual colaboram simultaneamente para a construção da narrativa do todo. Com respaldo nessa concepção e na análise realizada, temos elementos para confirmar que, embora o texto sincrético possua um segmento verbal e um segmento visual, ambos são responsáveis por uma enunciação única. A análise dessa charge aponta como resultado preliminar o engajamento do Charlie Hebdo contra o fundamentalismo islâmico, que propõe em seu discurso, apesar de todas as manipulações sofridas pelas práticas fundamentalistas, que o povo francês não se submeterá a realizar a performance desejada pelos terroristas. Contribui para estabelecer a crítica do jornal, especialmente, o uso do paradoxo, figura que evidencia uma incoerência: a vítima bebe champanhe. Desse modo intensifica-se não somente a ironia, mas também fica acentuada a disforização ao fundamentalismo. Contrariando as expectativas das ameaças fundamentalistas que “ficam no ar”, o povo francês permanecerá em conjunção com os seus próprios valores. Comprova-se ainda que as marcas enunciativas empregadas e o estilo próprio do gênero charge fazem ascender em impacto a voz satírica do jornal, conforme efeitos de ironia e humor observados no texto e postulados pela semiótica tensiva (ZILBELBERG, 2011).

Palavras chave: fundamentalismo islâmico; narrativa; manipulação; voz satírica

Daniel Carmona Leite

daniel.leite@usp.br

Comunicação

Orientador: Ivã Carlos Lopes



Por uma conceptualização semiótica ao protagonismo

A etimologia do termo protagonista une duas raízes linguísticas de origem grega (protos- e agônistes). Unidas, remetiam a um lutador, atleta ou competidor que concorria em jogos públicos, encenações artísticas ou reuniões políticas daquela sociedade, em sua antiguidade. Hoje em dia, dois ou três campos semânticos principais podem ser identificados no âmbito da utilização dessa palavra no português brasileiro. Um deles remete à análise formal ou informal de obras artísticas ou de entretenimento, muito usado no âmbito da teoria literária e na crítica de cinema. Outro, por sua vez, é mais dirigido ao papel de destaque que algo ou alguém possui frente a um empreendimento dado. Exploraremos, nessa apresentação, as formas de construção semiótica subjacentes a essas diferentes acepções de protagonismo. Para fazer isso sem nos afastar da postura imane que, historicamente, tem sido considerada como princípio orientador essencial na postura dos pesquisadores em semiótica, buscaremos realizar um exercício de deslocamento do nível de pertinência da análise, levando-a, além do universo do enunciado, na direção do campo de enunciação, assim como também ao nível tensivo. Em primeiro lugar, postulamos que o sujeito protagonista é, tanto quanto possível, um ser “automotivado”. Isso significa que há, nesse caso, um mesmo ator discursivo que, em certa medida, investe os papéis actanciais de destinador e sujeito do nível narrativo. Esse tipo específico de manipulação se dá por meio de um contrato reflexivo e, muitas vezes, remete a um actante que pode estar exposto a diferentes estímulos, mas que opta pelo arbítrio próprio no que diz respeito à determinação dos objetivos e das formas de aquisição de competência daquilo que corresponde a seu programa narrativo de base. Em um segundo momento, observaremos o que estamos denominando “protagonismo discursivo”, fenômeno que remete, sobretudo, à disseminação da figura de um ator ou de traços semânticos seus ao longo do texto, formando uma isotopia. Em seguida, o plano enunciativo será levado em conta, tendo em vista o aprofundamento da descrição dos fenômenos de construção do “efeito de protagonismo”. Para tanto, trabalharemos também com as considerações de José Luís Fiorin, autor que vem contribuindo significativamente no estabelecimento das bases para a identificação dos diferentes sujeitos presentes no texto. Assim, esperamos explorar os recursos textuais que são postos em prática na enunciação de corpora selecionados, a partir da identificação de suas marcas residuais. Por fim, vamos observar o fenômeno do protagonismo a partir do viés da tensividade. Quando pensamos em um discurso que evidencia o percurso de um personagem de maneira privilegiada, esse diferencial é certamente expresso em valências, manifestadas de acordo com as variações das dimensões da intensidade ou da extensidade. O esquema tensivo, tal como formulado por Jean Claude Zilberberg, está apto a descrever tais oscilações.

Palavras chave: semiótica; protagonismo; enunciação; semiótica tensiva

Daniel de Oliveira Pires

daniel.pires@usp.br

Comunicação

Orientador: Felipe Venâncio Barbosa



Acesso lexical e avaliação de distúrbios de linguagem em crianças surdas usuárias de línguas de sinais

Serão avaliadas 50 crianças surdas que frequentam uma escola bilíngue (libras-português escrito) na Grande São Paulo e que tenham a Libras como língua de instrução. Para avaliar os grupos em provas de nomeação (teste de vocabulário expressivo) Capovilla e Damazio (2011), serão compostos três grupos entre 4 a 10 anos de idade. Um grupo será eleito como grupo de referência (aquisição de língua até 03 anos de idade), o segundo (aquisição após 03 anos de idade) e o terceiro grupo (com distúrbio de linguagem), os dois últimos serão comparado ao primeiro, em relação a “x”, “y” e ‘z’. Os resultados serão quantificados por acertos de acordo com a faixa etária, idade de aquisição e latência. Através de um estudo descritivo transversal buscar-se-á averiguar possíveis diferenças nos grupos estudados (média pondera e desvio padrão), comparando com crianças que tenham aquisição lexical dentro dos marcos de desenvolvimento infantil. A avaliação do desenvolvimento adequado de vocabulário expressivo é de vital importância para detecção de atrasos e distúrbios de linguagem, possibilitando a intervenção precoce. Sendo possível se aproveitar da plasticidade neural para maximizar a eficácia da intervenção terapêutica ou pedagógica. Testes que avaliam diretamente o aumento de vocabulário expressivo são mais eficazes em relação aos inventários e escalas a serem preenchidos por pais e cuidadores das crianças nas creches e escolas, já que estão sujeitos a critérios subjetivos. O acesso ao léxico depende da pessoa ter a palavra em seu vocabulário e ser capaz de recorrer rapidamente a ele (Basílio, Puccini, Silva, Pedromônico, 2005). O número de palavras conhecidas por faixa etária e o tempo de resposta em testes de nomeação de figuras são critérios utilizados para determinar marcos do desenvolvimento linguístico e atrasos de linguagem. Muitos estudos têm sido realizados no sentido de entender como crianças com desenvolvimento normal de linguagem aumentam seu vocabulário, porém pouco se sabe sobre o processo de aquisição lexical naquelas com alteração. (Befi- Lopes, Gândara, Felisbino, 2006). O grupo de crianças surdas é sem dúvida os que se encontram com aquisição tardia, já que a maioria são filhos de pais ouvintes, e só terão acesso a língua de sinais na escola. Assim, iremos avaliar crianças que tem a língua de sinais como língua de instrução a partir o ensino infantil (4 anos) até o final do ensino fundamental (10 anos).

Palavras chave: acesso lexical; surdez; distúrbios de linguagem; libras

Dany Thomaz Gonçalves

danytrue@gmail.com

Comunicação

Orientador: Ronald Beline Mendes



O apagamento de /d/ em NDO na fala paulistana

Este trabalho consta da análise inicial do apagamento do fone /d/ no segmento –ndo. O propósito do presente estudo é averiguar quais fatores linguísticos e sociais condicionam a ocorrência desse fenômeno nas entrevistas do Projeto SP2010 (MENDES & OUSHIRO, 2012). Desta forma, a presente ideia visa, com base nos aportes teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]), investigar a pronúncia variável de –ndo na variedade paulistana do português brasileiro. Essa variável tem sido estudada desde o final dos anos 70 sob diferentes perspectivas. Alguns pesquisadores se atêm à pronúncia variável do sufixo de gerúndio – com ou sem apagamento de [d] (por exemplo, “falano” ou “falando”) – que podem ser explicitadas com os trabalhos de diferentes variedades do português: no Rio de Janeiro por Mollica (1989), em Belo Horizonte por Cristóvão Silva (1996), em São José do Rio Preto por Ferreira (2010). Segundo esses autores, os estudos da pronúncia variável de [d] tendem a se delimitar ao sufixo de gerúndio, dada sua baixa frequência em outros contextos (por exemplo, na palavra quando). A análise inicial consta do levantamento de dados de 36 entrevistas, de um total de 60 entrevistas que compõem a amostra SP2010, e a partir dela considera-se o levantamento de hipóteses acerca das correlações linguísticas e extralinguísticas. Todos os casos em que ocorre a sequência [-ndo] são verificados e, a depender das distribuições de dados, as análises quantitativas não se restringirão ao sufixo de gerúndio. Nesse sentido, uma das variáveis independentes a ser incluída no estudo é a classe morfológica do item em que ocorre [-ndo], por exemplo, nomes próprios (Fernando), adjetivos (lindo, fundo), numeral (segundo), verbos no presente (ando, mando), substantivos (mundo, sub-mundo), conectores (quando, segundo) – além, é claro, de verbos no gerúndio (amando, comendo, partindo, pondo). Além dessa variável de natureza linguística, outros deverão integrar a análise, tais como extensão do vocábulo, vogal precedente, contexto fônico seguinte (incluindo-se as pausas), estrutura sintática (perífrase, oração reduzida de gerúndio, justaposição), tipo de V1 da perífrase, material interveniente entre V1 e V’ndo’. As variáveis sociais de interesse são, por assim dizer, as “clássicas”: gênero/sexo do informante, sua escolaridade e sua faixa etária.

Palavras chave: apagamento; fala paulistana; NDO

Danyllo Ferreira Leite Basso

danylloferreira@usp.br

Comunicação

Orientadora: Norma Discini



A História no corpo: signo (ideológico) e historicidade

A presente proposta está assentada em dois pilares: um diz respeito aos pressupostos teóricos da Semiótica greimasiana, no mesmo momento em que se preocupa com os desdobramentos tensivos da teoria (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001); e outro se ancora no pensamento filosófico-linguageiro de Mikhail Bakhtin. Lá, debruça-se sobre a noção de corpo. Um corpo pensado semioticamente, em que a função estabelecida entre plano do conteúdo (a) e plano de expressão (b) (HJELMSLEV, 2003) passa a figurar no âmbito de uma imanência (a') e de uma aparência (b') cravadas no “mundo interior” (a”) e no “mundo exterior” (b”) desse corpo (DISCINI, 2015; FONTANILLE, 2012). Cá, com Bakhtin, reflete-se acerca do signo ideológico. Na articulação de um signo ideológico, pensa-se o “ideológico” tal qual o “social” e o “cultural”, que são transcendências já imanentes ao próprio signo: não há ideologia que não venha vestida de signo, e não há signo despido de ideologia (BAKHTIN, 2010). Isso é o mesmo que dizer que o signo se encontra na vida social, na mesma medida em que a vida social se encontra no signo. O diálogo estabelecido entre as teorias busca, por um lado, combater a errônea afirmação de que a Semiótica, em concordância com os postulados de Saussure (2012), é uma teoria exclusivamente imanente, com categorias de análise que excluem tanto o sujeito quanto sua historicidade na existência. E, de outro lado, mas ainda no mesmo sentido, objetiva-se revelar que a “estrutura” linguística é tanto fechada quanto aberta: repousa numa imanência e aparência (“entidade autônoma”) enquanto está aberta à transcendência (“relacional”); finca-se numa identidade atravessada pela alteridade. De Bakhtin, traz-se também a noção de estilo. O estilo se dá entre forças de constâncias e de mudanças ao mesmo tempo. Diz respeito, o estilo, a um cotejo entre individual e social. Isso afirmado equivale a dizer, com outras palavras, que o estilo se compõe entre imanências e transcendências, entre o sujeito e sua historicidade, entre identidades e alteridades. O diálogo é profícuo a ambas as direções teóricas, o que, inclusive, pulsa no teor dialógico, relacional e interdisciplinar firmado nas duas teorias.

Palavras chave: Semótica (tensiva); Bakhtin; corpo; signo ideológico; historicidade; estilo

Dario de Araujo Cardoso

dariocardoso@usp.br

Comunicação

Orientadora: Norma Discini



Corpo e presença na Bíblia Sagrada - os modos de presença e modulação sensível

A partir de textos extraídos da Bíblia Sagrada discutimos a formação e delimitação do corpo actorial nas narrativas bíblicas. Buscamos explicitar o modo como o texto bíblico, na qualidade de enunciado marcado por pessoa, tempo e espaço definidos, constrói para si sentido de discurso omnipessoal, omnitemporal e omniespacial que o qualifica como texto fundador do cristianismo e o faz ser sancionado com o reconhecimento de Palavra Revelada de Deus. A hipótese central a ser verificada é a de que o texto bíblico discursiviza o mundo divino e seus atores e produz em termos de presença um impacto sensível que mobiliza o corpo do enunciatário a um fazer interpretativo que sanciona o texto bíblico como Palavra Revelada de Deus. A pesquisa tem se desenvolvido por meio de estudos da actorialização no Evangelho de Lucas e em Atos dos Apóstolos. Demonstramos que estes textos constroem, por meio da enunciação enunciada, uma peculiar cena enunciativa em que o enunciador apresenta como desempenhando o papel actancial de adjuvante do destinatário na constituição do mundo divino, onde Deus é o arqui-enunciador e o destinador transcendente. A pesquisa, qualificada em outubro de 2015 e em fase final de escrita, apresenta como resultados parciais a demonstração do estabelecimento de um contrato de verificação peculiar que faz com que, na relação enunciador-enunciatário, um novo conjunto de crenças seja formado para que se configure a presença divina. Também observou-se o deslocamento actancial do enunciador se funda no conceito greimasiano de destinador transcendente e os recursos discursivos utilizados no Evangelho de Lucas e no Livro de Atos dos Apóstolos para a construção e legitimação de sua cena enunciativa e do corpo actorial que discursiviza. A presente comunicação aborda, a partir do instrumental da semiótica tensiva, os efeitos subjetais promovidos pela discursivização da presença divina do texto bíblico. Para isso, utilizamos os conceitos de modulação tensiva de Greimas e Fontanille (1993) e Fontanille (2016), dos modos de presença de Fontanille e Zilberberg (2001) e de Zilberberg (2006, 2011).

Palavras chave: Presença; corpo; ritmo; pervir

Eliane Domaneschi Pereira

elianrev@gmail.com

Comunicação

Orientador: Waldir Beividas



Tempo, memória e sentido

No texto de Aristóteles “Sobre a memória e a remiscência”, podemos encontrar o que pode ser considerado como uma origem do tratamento filosófico e teórico dispensado à memória, definida como um estado de afeição condicionado pela passagem do tempo. Para a teoria semiótica, o tempo passa a ser noção central ao final dos anos 1980 quando, a partir dos desenvolvimentos de Claude Zilberberg, o tempo começa a ser entendido como o germe fundamental da criação do sentido nas narrativas. Paralelamente, a teorização semiótica sobre a memória também se dá, por exemplo, em “Un point de vue sur le croire et savoir” (1982), de Jacques Fontanille, onde ela é associada ao sistema cognitivo do saber (enquanto modalidade) em uma abordagem de herança ainda metafísica, em “A memória, a história, o esquecimento” (2000), de Paul Ricoeur, que põe em destaque os problemas de verificação da memória ligados à narrativa histórica, e em “Sutures sémiotiques” (2006), de Herman Parret, que propõe a procedimento teórico de sutura epistemológica entre disciplina distintas, no caso a fenomenologia e a semiótica, para empreender a análise da memória. Nessa comunicação pretendemos retomar pontualmente as contibuições dessas teorias a fim de discutir e refletir como a memória, intimamente ligada à noção de tempo, pode ser entendida hoje pela teoria semiótica como uma instância produtora de sentido nos textos.

Palavras chave: Tempo; memória; sentido; saber; semiótica

Enio Sugiyama Junior

eniosjr84@gmail.com

Comunicação

Orientadora: Maria Cristina Fernandes Salles Altman



Explorações preliminares para a construção de uma historiografia do ensino de Linguística no Brasil

O objetivo deste trabalho é apresentar alguns dos resultados do primeiro ano de trabalho de nossa pesquisa, na qual nos propusemos a produzir uma historiografia sobre o ensino da disciplina Linguística nas universidades brasileiras entre 1962, período de implantação da disciplina, até os anos 2010, período de expansão da rede federal de ensino superior, procurando delinear os contornos do processo de consolidação da disciplina e as possíveis implicações deste processo na produção do conhecimento linguístico. Tomamos como ponto de partida o trabalho de Altman (1998) que, ao realizar uma historiografia da produção linguística brasileira do período compreendido entre 1968 e 1988, mostra como o surgimento da Linguística enquanto disciplina autônoma provocou mudanças relacionadas tanto aos modos de produção de conhecimento sobre a linguagem quanto com relação a organização acadêmica e profissional. Em seu trabalho, a autora mostra, ainda, como a emergência deste grupo encontra-se vinculada a existência de um projeto pedagógico que previa a inserção da disciplina no currículo mínimo do curso de Letras em um contexto em que os profissionais que se dedicavam ao estudo da linguagem não se reconheciam como linguistas. Levando em consideração o contexto da emergência deste grupo de especialidade, acredita-se que uma investigação sobre o ensino de linguística nas universidades brasileiras permitirá produzir uma historiografia da forma como a disciplina foi se consolidando como área importante da produção do conhecimento linguístico. Adotamos a perspectiva da historiografia linguística tal como proposta por Koerner (1996, 1999 e 2014), Robins (1990) e Swiggers (2009, 2011, 2012 e 2013). Optamos por considerar os cursos de graduação em Linguística das universidades públicas e os cursos de Letras e programas de pós-graduação em Linguísticas das universidades federais, realizando o levantamento de documentos sobre esses cursos por meio de plataformas oficiais como o sistema e-mec e a plataforma sucupira, além dos sites das próprias universidades.

Palavras chave: linguística brasileira; ensino de linguística; historiografia linguística

Fernanda Canever

fernandacanever@gmail.com

Comunicação

Orientador: Ronald Beline Mendes



Percepções sociolinguísticas sobre o infinitivo flexionado

Estudos quantitativos sobre o português demonstram uma alta frequência de ocorrência de infinitivo flexionado em contextos sintáticos nos quais ele é considerado facultativo, como em orações subordinadas adverbiais finais cujo sujeito é correferencial ao do verbo da oração principal: “As pessoas usam a internet para agendarem a ida ao Detran” (Canever 2012; Vanderschueren 2013, 2014). Em português brasileiro, nesses mesmos contextos, verifica-se ainda uma maior tendência à flexão do infinitivo quando se trata de primeira pessoa (1PP): “Usamos essa ferramenta para medirmos os obstáculos”. Além disso, observam-se também casos de flexão do infinitivo em contextos não-padrão: “Os alunos podem fazerem greve”, inclusive na língua escrita (Canever 2012). Diante desses fatos, o objetivo deste estudo é investigar, a partir de um experimento desenhado com base na técnica *matched-guise* (Lambert et al. 1960, Campbell-Kibler 2006, Oushiro 2015), se a flexão do infinitivo é sociolinguisticamente percebida mais positivamente do que a ausência de flexão. Interessa preponderantemente aqui verificar se infinitivos em contextos opcionais e não-padrão, em 1PP ou 3PP, levam a percepções diferentes. Com base nos estudos de produção, espera-se que as versões flexionadas levem a percepções mais positivas do que as não flexionadas, especialmente no contexto opcional e com 1PP. Caso essa expectativa se confirme, ganha força a hipótese de que usos não padrão de infinitivo flexionado (como em “As autoridades têm que repensarem...”) são exemplos de um tipo de hipercorreção, que resulta da combinação de efeitos de frequência e significados sociais positivos associados à flexão de infinitivo. Em relação ao tipo de contexto, espera-se que as respostas variem de acordo com o nível de escolaridade dos participantes: aqueles com maior grau de escolaridade atribuirão características mais positivas ao ouvir as versões flexionadas no contexto opcional, mas não no contexto não-padrão. A expectativa em relação a participantes com menor grau de escolaridade, por outro lado, é a de que as versões flexionadas levarão a percepções mais positivas em ambos os contextos sintáticos.

Palavras chave: variação; significados sociais; infinitivo flexionado

Gisele Tomaz do Carmo

gtomaz@usp.br

Comunicação

Orientadora: Beatriz Raposo de Medeiros



Estudo do padrão formântico da fala atuada e do canto no teatro popular em São Paulo.

O objetivo deste trabalho é comparar o padrão formântico da fala atuada com o canto no teatro popular em São Paulo, com base nos estudos de Raposo de Medeiros (2002) e Sundberg (2015). Fica definida a fonética acústica como área de estudo para a escolha do método, bem como para as análises dos aspectos acústicos investigados, incluindo seus correlatos articulatórios. Quanto ao método, o primeiro passo foi selecionar a canção “Enchente” da peça “Hospital da Gente” que pertence ao repertório do Grupo Clariô de Teatro. Em seguida, realizou-se a coleta de dados da qual participou uma atriz profissional. A gravação foi realizada no Laboratório Theodoro Henrique Maurer, do Departamento de Linguística da USP, utilizando-se microfone para gravação de voz com fio da marca AKG e gravador da marca Marantz. Solicitamos à atriz que cantasse e falasse o texto da canção como se estivesse no palco. A fala produzida pela atriz apresentou duas características distintas: na primeira parte foi executada de forma mais gritada e, no que podemos nomear de segunda parte, de forma menos gritada, que por ora, chamamos de “normal”. O fenômeno de tipo de fala que emergiu dos dados será melhor estudado e delimitado. A atriz produziu a fala atuada conforme a orientação (como se estivesse no teatro), a fim de que a gravação ficasse o mais parecido possível com a produção teatral. Após a gravação, segmentamos os dados em sentenças menores, a partir dos seguintes critérios: pausas identificadas por vírgulas no texto cedido pelo grupo, e pausas identificadas por silêncio ao final do enunciado. O texto rendeu quarenta e uma sentenças, para cada uma das modalidades (fala e canto). Posteriormente, as sentenças foram segmentadas em sílabas, para não isolarmos a vogal sem inspecionar visualmente o contexto de cada uma. Na segmentação dos dados utilizamos o software livre Praat, e através da ferramenta TextGrid realizamos a rotulação. Neste primeiro momento, vamos medir e comparar os dois primeiros formantes, F1 e F2, das vogais tônicas do PB, em sua porção mais estável. Algumas medições já foram feitas e iniciaram-se seguindo a ordem das sentenças. No entanto, sendo a fala atuada do trecho interpretado uma fala que chamamos de gritada, decidimos iniciar as medidas pelas últimas frases - fala “normal”. Por cautela, resolveu-se não explicitar os resultados parciais, pois esses trouxeram à tona questões que ainda estão sendo analisadas. É preciso aclarar que, neste estudo, faremos uma diferença entre fala neutra e fala gritada. Ainda em oposição à fala atuada (que é uma condição e não nomeia qualidade de voz), temos a fala neutra. Vimos então a necessidade de uma terceira condição de gravação, fala neutra.

Palavras chave: Canto; Fala; Fonética; Teatro

Guilherme Weffort Rodolfo

guilherme.rodolfo@gmail.com

Comunicação

Orientador: Waldir Beividas



Música Predicadora de Sentidos: Análise Tensiva Fílmico/Musical

As composições musicais para cinema constroem argumentos fortes às cenas, predicando-as e, com isso, construindo efeitos de sentidos ricos e dignos de análise. No entanto, as disciplinas preocupadas com a análise musical, com a análise do cinema e, da mesma forma, com os meios de comunicação, parecem não concordar quando unidas e dirigidas à observação da composição musical ligada a cenas fílmicas. Objetivando a compreensão dos efeitos de significação que a música no cinema confere a seus públicos, propomos uma análise fílmico/musical que torne possível a percepção destes efeitos em uma cena. Para desenvolver o método de análise, partimos da Semiótica Tensiva, esta estabilizada por Claude Zilberberg, observando, além de sua fundamentação e análise, seus desdobramentos sobre as figuras de retórica. A eficiência discursiva requerida pelo meio de comunicação cinema subverte o discurso produzindo uma situação bizarra e perceptível no acontecimento tensivo: traços distintivos atuantes na comunicação midiática. Essa característica dos acontecimentos, agora dentro de uma ótica dos meios de comunicação de massa, é prevista na teoria da informação descrita por Roman Jakobson, dando apoio ao pensamento analítico de Leonard Meyer e sua teoria de análise musical que sustenta a ideia de um sistema culturalmente condicionado de expectativas. Dessa forma podemos compor a observação dos traços conotativos desenvolvidos por Christian Metz quando de sua análise de cenas fílmicas. A partir desses elementos, compusemos um método analítico em níveis e que observa a música predicadora de sentidos no cinema. A cena escolhida para análise foi a do Batismo, do filme o Poderoso Chefão (The Godfather), de 1972, dirigido por Francis Ford Coppola e com a composição musical de Nino Rota. Dentre os resultados da análise, destacamos (i) os efeitos de cumulações fílmico/musicais, provocados pela observação dos volumes musicais e densidades sonoras aliadas à sequência de cortes fílmicos; (ii) os movimentos entre as figuras de hipérbole e rima no decorrer da narrativa, atribuídas pela oposição adjunção/supressão relacionada com a oposição identidade/diferença; (iii) a forma sistemática do uso das repetições, percebidas pelas relações entre sintagmas, construindo uma dinâmica de transmissão de afetos. Assim, percebemos, via análise, a vontade do enunciador em promover persuasões elaboradas pelas expectativas e suas resoluções controladas, criando uma ação rítmica discursiva.

Palavras chave: Semiótica Tensiva; Música, Cinema

Gustavo Micael Gomes Martins

gustavo.micael.martins@usp.br

Pôster

Orientador: Ronald Beline Mendes



A Independência está vindo: gerúndio vs infinitivo gerundivo no Português Brasileiros nos séculos XVIII e XIX

O presente trabalho se dispõe a tentar descrever em termos de isoglossias a distribuição e o desenvolvimento das estruturas gerundivas em contraste a perífrases verbais infinitivas gerundivas como forma de representação do aspecto progressivo do português brasileiro (doravante, PB) nos séculos XVIII e XIX. Compreende-se por um infinitivo gerundivo estruturas como a seguinte: (1b) O Bráulio está a respirar (PHPB) As estruturas gerundivas sintéticas (gerúndio simples) são a forma mais antiga de representação do aspecto progressivo na língua, conquanto as formas analíticas (infinitivo gerundivo) são atestadas em Português a partir do século XVIII (CUNHA, 1986) como alternativas de representação do progressivo. Tais construções apresentavam um uso reduzido ainda no período do Brasil Colônia, constando como cerca de 10% das ocorrências totais de estruturas de valor progressivo em português europeu (doravante, PE), tendo seu uso crescido exponencialmente no PE durante o fim do século XIX (MOTHÉ, 2006). Ao mesmo tempo, em português brasileiro (doravante, PB), prevaleceu a forma gerundiva sintética (conservadora), sendo o uso do infinitivo gerundivo historicamente baixo no país como um todo, em contraposição ao PE, onde, a partir do fim do XIX e início do XX, o infinitivo gerundivo ganha tração, atingindo altos patamares de uso (MOTHÉ, 2007). Tal contraposição demonstra uma divergência de seleção de realização entre as variantes europeia e brasileira do português, divergência tal que reflete o caráter às vezes mais conservador do PB, onde determinadas formas antigas, às vezes perdidas em PE, acabam se mantendo em uso (CUNHA, 1986). Assume-se, ainda, conforme os termos de Emiliano (1997), que Portugal opera, inicialmente, como modelo linguístico para o Brasil, sendo o PE o modelo representacional de língua para o modelo operacional que são as diversas variedades do PB. Todavia, conforme o cenário sociopolítico se altera e o Brasil se encaminha para a Independência, tal relação seria gradualmente afetada. Sendo assim, esse trabalho visa averiguar o uso do gerúndio em contraste às infinitivas gerundivas em PB, porém tomando como hipótese que o infinitivo gerundivo é inovador e português, conquanto a forma oposta (gerúndio sintético) é mais tradicional e antiga. Tendo isso como mote e considerando o panorama histórico dos séculos XVIII e XIX, essa pesquisa se dedicará a considerar a evolução do uso de tais formas ao longo do tempo em duas macrorregiões sociopolíticas (Sudeste e Nordeste) e cinco microrregiões (Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo). De um ponto de vista metodológico, se tomarão as técnicas da sociolinguística laboviana, como aplicadas a estudos históricos por Romaine (1987) e outros, e à questão dos gerúndios portugueses por Mothé (2006, 2007). Se considerará como variáveis o gerúndio sintético (estava saindo dali) e o infinitivo gerundivo (estava a sair dali) e se tomará o período de produção, gênero textual e região de produção como elementos influenciadores, assim como, linguisticamente, os elementos antecessores e seguintes a cada ocorrência de gerúndio.

Palavras chave: gerúndio; Brasil Império; Brasil Colônia

Iolanda Dias Góes

iolandadigoes@gmail.com

Pôster

Orientadora; Elaine Bicudo Grolla



Orações relativas com estrutura absoluta e sua interpretação no Português Brasileiro Infantil

Esta apresentação expõe o fenômeno estudado em meu trabalho de mestrado, que visa analisar a interpretação de orações relativas por crianças adquirindo Português Brasileiro (PB). Seu recorte é a relativa com estrutura absoluta, na qual o elemento relativizado é o argumento tema, que ocupa posição pré-verbal, concordando com o verbo em número e em pessoa (NEGRÃO; VIOTTI, 2010). Em (1), peixe é tema de “comer”:

(1) O menino viu o peixe [que _ comeu _]

Essa estrutura foi encontrada em experimentos de aquisição da linguagem que eliciavam relativas de objeto (PIRES; VIVANCO, 2012; GROLLA; AUGUSTO, 2016) como (2):

(2) O menino viu o peixe [que o gato comeu _]

Para Friedmann, Belletti e Rizzi (2009), crianças tendem a evitar (2) devido à semelhança estrutural entre sujeito interveniente (o gato) e elemento relativizado, optando por estruturas sem intervenção. A produção de relativas com absoluta corrobora essa hipótese, considerando que a absoluta elimina o agente (NEGRÃO; VIOTTI, 2010), evitando a intervenção. Embora absolutas ocorram nesse contexto, a interpretação atribuída a elas não é clara. Em (1), se um segundo peixe tivesse comido algo, a estrutura seria ambígua:

Interpretação 1: o peixe que _ comeu (peixe-agente)

Interpretação 2: o peixe que _ comeu _ (peixe-tema)

Nossa hipótese de trabalho é a de que o processador tende a atribuir uma lacuna na primeira posição possível (PHILLIPS; KAZANINA; ABADA, 2005), o que nos leva a prever que a leitura de agente será preferida. Serão desenvolvidas histórias com dois personagens semelhantes, sendo o primeiro agente, e o segundo, tema de uma ação. As crianças julgarão sentenças sobre essas histórias como verdadeiras ou falsas, dando indícios de sua interpretação. As condições serão: relativa ambígua, relativa de objeto e relativa passivizada (por exemplo, “o peixe que foi comido”). Na ambígua, o julgamento falso implicará a leitura de agente, e o verdadeiro, a leitura de tema. Após a ambígua, uma das outras condições será apresentada como controle. Com base em Amaral (2015), serão selecionados verbos biargumentais e agentivos mais propícios a absolutas do que o verbo “comer”.

Palavras chave: orações relativas; estrutura absoluta; Português Brasileiro Infantil

Ivan Pasta Zanni

ivan.zanni@usp.br

Comunicação

Orientadora: Evani de Carvalho Viotti



Uma Investigação dos Critérios para Diferenciação de Línguas: O Latim e os Romances

Esta pesquisa contribui para as discussões epistemológicas sobre a distinção categórica que tem sido feita, na área de estudos da história das línguas, entre o latim e as línguas românicas. A argumentação aponta inadequações das tentativas de redução das diferenças entre línguas aparentadas a propriedades puramente linguísticas e objetivamente determináveis, defendendo que a caracterização dessas diferenças envolve a análise de uma multiplicidade de fatores semióticos, históricos, culturais e políticos inextricáveis, que se organizam como uma ecologia com as características de um sistema complexo. Em nome da elegância científica, a complexidade dos elementos cognitivos, sociais e interacionais que participam da mudança linguística costuma ser analiticamente reduzida. Estudos tradicionais buscam descrever e explicar diferenças entre línguas aparentadas de maneira a isolar tais línguas das ecologias em que estão inseridas. Essas ecologias são formadas por fatos psicossociais constitutivos das próprias estruturas linguísticas e a elas integrados. Um autor que fundamenta o estudo dos sistemas complexos que são as línguas em uso e suas ecologias é Mufwene (2008). Ao postular o idioleto como unidade fundamental de análise linguística, ele abre caminhos para estudos das interações concretas entre falantes. O autor também examina os modos como essas interações particulares se relacionam à língua comunal, influenciadas (embora não determinadas) pelos seus padrões e reconstruindo esses mesmos padrões a cada momento. Para Mufwene, as línguas são dinâmicas porque todas encontram-se permanentemente em estado de variação e mudança. A aplicação de tais princípios ao problema da diferenciação de latim e línguas românicas passa pela leitura crítica de outro autor: Wright (1982), que estudou esse processo de diferenciação. Embora os fundamentos teórico-metodológicos de seus trabalhos não sejam idênticos aos de Mufwene, esta pesquisa dedica-se a mostrar que as contribuições de ambos são compatíveis. Wright apresenta a hipótese de que a Alta Idade Média Românica vivia um estado de monolinguismo complexo, ou seja, a consciência metalinguística dos falantes da época reconhecia como latim uma miríade de variedades regionais, sociais e circunstanciais aparentadas. O vernáculo e as variedades escritas formais eram faces diferentes de um só sistema linguístico complexo. Apenas com o Renascimento Carolíngio começou a ser instituída uma diferenciação entre o latim eclesiástico e o que viriam a ser as línguas românicas. A consciência metalinguística de que os vernáculos eram línguas diferentes desse latim eclesiástico desenvolveu-se a partir do impacto de inumeráveis interações comunicativas escritas e faladas cuja influência não pode ser desprezada. Essas reflexões resultam em um esboço de método para categorização das línguas aparentadas. Esse esboço faz uso de categorias radiais, conforme definidas por George Lakoff (1987), multidimensionais e internamente heterogêneas o suficiente para captar a variabilidade inerente aos objetos categorizados.

Palavras chave: Ecologia; sociofilologia; categorização; latim; romances

Jéssica Viana Mendes

jessica.viana.mendes@usp.br

Pôster

Orientador: Marcelo Barra Ferreira



Ambiguidade de DPs em Contextos Intensionais

1. Introdução

Esse projeto investiga sentenças em que predicados modais interagem com sintagmas quantificadores (QPs), como é ilustrado abaixo:

(1) Um nova-iorquino deve ganhar na loteria.

Há duas leituras disponíveis para a sentença (1): A primeira leitura se refere a um nova-iorquino específico, João, por exemplo. Já a segunda leitura se refere a qualquer pessoa que preencha a descrição nova-iorquino. A natureza dos QPs e dos predicados modais envolvidos pode influenciar quais leituras serão de fato atestadas em sentenças com o perfil de (1). Tratarei este fenômeno como um caso de ambiguidade de escopo. Se considerarmos (2) como sendo a estrutura superficial simplificada de (1), isto significa dizer que, para gerar a leitura de re, o DP sujeito seria interpretado na posição em que ele aparece na sintaxe aberta. Já para a leitura de dicto, o DP seria interpretado dentro do escopo do operador modal, ou seja, na posição do vestígio *ti*:

(2) [Um nova-iorquino_i [deve [*ti* ganhar na loteria]]]

Partindo das combinações atestadas entre QPs e predicados modais no português brasileiro (PB), procurarei investigar quais fatores podem inibir ou forçar a emergência de cada leitura, bem como extrair implicações teóricas mais gerais com base nos resultados obtidos.

2. Base Teórica

Esta pesquisa se apoia nos métodos da gramática gerativa e utiliza as ferramentas lógico-matemáticas características da semântica formal, em particular da semântica de mundos possíveis.

3. Metodologia

Em relação à obtenção de dados, serão formuladas sentenças combinando as variáveis a serem observadas. A seguir, serão criados contextos para cada sentença que isolem as leituras possíveis, ou seja, que tornem a leitura de re verdadeira e a leitura de dicto falsa e vice-versa. As sentenças contextualizadas serão então submetidas ao julgamento de falantes nativos do português brasileiro, para que seja possível verificar a emergência ou não de cada leitura.

Palavras chave: quantificação; modalidade; português brasileiro

Estrutura argumental do verbo na língua sanöma

O objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta para as estruturas sintáticas dos verbos da língua sanöma (família Yanomami) utilizando a teoria de estrutura argumental de Hale e Keyser (2002). Para obtermos as estruturas, testes de alternâncias sintáticas (causativização e voz média) foram realizados com falantes nativos. Dessa forma pudemos identificar quais argumentos são projetados pelo verbo. Os resultados obtidos por meio da análise dos dados são:

- Todos os verbos elicitados podem ter sua valência aumentada pelo sufixo -ma, logo, o teste da alternância causativo-incoativa não é válido para diferenciar classes verbais. A maioria dos verbos intransitivos (de semântica inacusativa e de semântica inergativa) possui estrutura diádica composta. Em sua forma intransitiva esses verbos possuem um argumento interno que se torna complemento quando são causativizados por meio do sufixo -ma, (Exemplos 1).

- Verbos transitivos possuem estrutura monádica, pois projetam apenas um argumento: o complemento. Segundo a teoria, o agente é um argumento externo à configuração lexical do verbo (Exemplo 2a). Quando a valência de um verbo transitivo é aumentada pelo sufixo -ma, o participante adicionado é oblíquo (Exemplo 2b). Verbos psicológicos de sujeito também fazem parte dessa categoria.

- Verbos psicológicos de objeto possuem estrutura diádica básica, pois são verbos denominais complementos de preposição. Eles participam da alternância para voz média (Exemplos 3).

1a)

kutiata a-lakö-pa-so-ma

canoa 3SG-afundar-EXT-PFV;INTR-PST

'A canoa afundou'

b)

ulu-töpö-nö kutiata a-lakö-pa-ma-nö-ma

criança-PL-ERG canoa 3SG-afundar-EXT-CAUS-PFV;TR-PST

'As crianças afundaram a canoa'

2a)

suö-tö-nö ana amo-pö-noko-pa-li-ke

mulher-CLF-ERG cogumelo CLF-PL-moquear-EXT-PFV;TR-PST

'A mulher moqueou os cogumelos'

b)

moko-tä naha suö-tö-nö ana amo-noko-pa-ma-ni-ke

moça-CLF OBL mulher-CLF-ERG cogumelo CLF-moquear-EXT-CAUS-PFV-PST

'A mulher fez a moça moquear o cogumelo./A mulher moqueou o cogumelo por meio da moça'

3a)

hapalo wi tö-nö ulu tä-manisi-o-ma

falar NMLZ CLF-INST.-ERG criança CLF-sono-PFV-PST

'A conversa deixou as crianças com sono'

b)

ulu tä-manisi haito-ö
criança CLF-sono rápido-IPFV
'Criança fica com sono rápido'

Palavras chave: língua indígena; yanomami; estrutura argumental



José Bento Cardoso Vidal Neto

netospvidal@gmail.com

Comunicação

Orientadora: Olga Ferreira Coelho Sansone



Entre os manuais didáticos e os trabalhos dialetológicos: bases para a formação do pensamento linguístico brasileiro (1900-1940)

Esta comunicação apresentará aspectos relevantes da pesquisa de doutorado que por nós vem sendo desenvolvida desde o início de 2016. Tal estudo tem como objetivo analisar, dentro da história da linguística brasileira, o período compreendido entre 1900 e 1940, o qual foi denominado por Blikstein (1976) de “2ª parte do período de autodidatismo”. Este período antecede a institucionalização dos estudos da linguagem, que se dá com a fundação das primeiras universidades brasileiras e mais especificamente com a criação dos cursos superiores de Letras. A importância de tal período, que justifica a proposição deste trabalho, é que julgamos ser este um importante momento para a formação do pensamento linguístico brasileiro. Dentre os vários elementos que contribuíram nesta formação, nos ateremos especificamente a um aspecto em especial: a perda da primazia do compêndio gramatical como local privilegiado para as discussões a respeito da língua, em especial a portuguesa. Esta perda (ou ao menos a disputa) se dá em relação a outros tipos de produção, como as teses produzidas para concursos de cátedra nos colégios mais prestigiados das grandes cidades, livros ou opúsculos de caráter monográfico, ensaios sobre questões pontuais da língua, colunas e artigos em jornais e revistas, entre outros. Nossa hipótese central é que esta movimentação entre a gramática e os demais tipos de produção acerca da língua impactou de forma significativa a formação do pensamento linguístico brasileiro. Finalmente, para a análise do corpus, lançaremos mão do modelo de capas proposto por Swiggers (2004), principalmente por entendermos ser uma ferramenta importante para analisarmos os processos de continuidade e ruptura pelos quais passaram os estudos sobre a língua portuguesa no Brasil, no que tange ao local em eles ocorriam – no compêndio gramatical ou em outros gêneros textuais – e também quanto aos seus vieses teóricos, se mais gramatical, filológico ou linguístico.

Palavras chave: Historiografia linguística; gramática brasileira; pensamento linguístico brasileiro; dialetologia; manuais didáticos

Juliana Vignado Nascimento

juvign@gmail.com

Pôster

Orientadora: Ana Muller



A estratégia de empacotamento na formação de numerais em Karitiana

Sistemas numéricos são tecnologias cognitivas geradas por nossa faculdade numérica, i.e. a capacidade humana de codificar gramaticalmente noções numéricas. De acordo com Chomsky (1998) a capacidade numérica é um subproduto da faculdade da linguagem possibilitado pela recursividade do componente sintático. Este trabalho tem como objetivo i) defender que a estratégia de empacotamento (Hurford 1987, 2006) aplica-se à formação de numerais compostos em Karitiana, língua Tupi da sub família Arikém; ii) e dar suporte à relevância de um tratamento gerativo e formal para a análise de numerais nas línguas naturais. Hurford (1987) afirma que a estratégia de empacotamento é uma restrição universal que atua nos sistemas numéricos de línguas naturais. Ela opera estabelecendo "pacotes" a partir das maiores unidades numéricas básicas e usa a estrutura disponível mais eficaz para expressar quantidades maiores. Para esse autor, a estratégia de empacotamento consiste em um mecanismo sintático que expressa operações matemáticas que são necessárias na formação de numerais como a adição, ex. vinte e três (20+3), multiplicação, ex. duzentos (2x100). Esse mecanismo opera a partir das categorias básicas: i) DIGIT que é a categoria lexical dos numerais básicos e ii) M que é a categoria das bases morfêmicas multiplicativas. Ionin & Matushanky (2006) demonstraram que os marcadores da operação aritmética de adição são frequentemente conjunções e adposições, como em Português e e em Inglês and. Hurford (2006) aponta que a estratégia de empacotamento depende do léxico disponível na língua, o que justifica a grande variação na expressão linguística de numerais nas línguas naturais. Karitiana tem cinco números básicos: myhint (1), sypomp (2), mÿjymp (3), otadnamynt (4) e yjpyt (5). Números maiores, como por exemplo sypomp yjpi ot 'dois 1p.pé pegar'(12), são formados a partir de i) os numerais básicos; ii) das palavras ot e ota, que significam "pegar" e "outro", respectivamente; iii) e via bases morfêmicas multiplicativas. Mesmo que as bases sejam expressas linguisticamente por partes do corpo, elas valem 5 cada e são distribuídas fixa e hierarquicamente. As estruturas multiplicativas se distribuem da seguinte forma: yjpy ota 'outra mão' > yjpi 'pé' > yjpi ota 'outro pé'. Esta análise propõe que i) as bases morfêmicas multiplicativas do Karitiana são yjpy 'nossa mão' e yjpi 'nosso pé'; ii) que a palavra ot, raiz do verbo 'pegar', opera sintaticamente como uma conjunção coordenativa que expressa adição na formação dos numerais complexos. Pode-se concluir que a estratégia de empacotamento opera na formação de numerais no Karitiana, o que reforça a universalidade desse mecanismo em línguas naturais. Estudar números de línguas não indo-europeias do ponto de vista formal e gerativo é potencialmente esclarecedor, e pode avançar a compreensão do desenvolvimento dos sistemas numéricos e apoiar a teoria linguística gerativa.

Palavras chave: Numeral; Estratégia de empacotamento; língua indígena

Juliane Farah Arnone

juliane.arnone@usp.br

Pôster

Orientador: Felipe Venâncio Barbosa



O Fenômeno Ponta da Língua nas línguas de sinais

Fenômenos linguísticos como o chamado “ponta da língua” podem oferecer pistas sobre o processamento da linguagem. Esse fenômeno (do inglês Tip of the Tongue, TOT) foi descrito no final do século XIX por William James da seguinte maneira:

Suponha que tentemos nos lembrar de um nome esquecido. O estado de nossa consciência é peculiar. Há uma lacuna no seu interior, mas não uma mera lacuna. É uma lacuna intensamente ativa. Uma espécie de fantasma do nome está ali, acenando-nos em uma determinada direção [...] Se nomes errados são propostos para nós, esta lacuna singularmente definitiva atua de forma a negá-los. Eles não se encaixam em seu molde. [...] (JAMES, 1890, p 251 apud BORODKIN; FAUST, 2012) O fenômeno foi analisado pela primeira vez com um contorno metodológico mais específico em um estudo de Brown e McNeill, de 1966. Segundo os autores, o TOT é o estado em que uma pessoa se encontra em que se sente incapaz de recuperar a palavra, mas tem a certeza de que sabe qual é e que ela está prestes a ser recuperada, isto é, está “na ponta da língua” (BROWN; McNEILL, 1966). No estudo de Brown e McNeill (1966), o método utilizado buscava avaliar o fenômeno a partir da leitura de definições de palavras pouco usuais, para um grupo de sujeitos que era previamente instruído sobre o TOT. Caso a palavra procurada não viesse à tona, o sujeito deveria esclarecer se não sabia de fato ou se julgava estar “na ponta da língua”. Quando no estado de TOT, os sujeitos deveriam dizer, entre outras coisas, quais palavras se assemelhavam fonologicamente com a palavra-alvo. Deveriam fornecer pistas sobre a “lembrança” da palavra, como o número de sílabas, a letra inicial, palavras com som ou significados similares. Em muitos casos, houve acesso parcial à fonologia das palavras-alvo, como por exemplo, palavras com letras (principalmente a primeira e a última) similares e mesma quantidade de sílabas das palavras-alvo. Tendo em vista que há poucos estudos deste fenômeno nas línguas de sinais, o objetivo deste trabalho é observar, analisar e discutir como ocorre a busca por palavras-alvo no fenômeno Ponta da Língua, em indivíduos surdos, fluentes na Língua Brasileira de Sinais (Libras). O objetivo específico da pesquisa é analisar as diferenças na recuperação lexical em línguas de modalidades diferentes: oral-auditiva e visual-espacial, analisando o que a literatura discute acerca do tema. Serão selecionados 30 adultos surdos, com idade superior a 18 anos e que sejam usuários da Libras como primeira língua. A pesquisa utilizará o método de laboratório descrito na literatura para descrever o fenômeno. Busca-se adaptar o estudo de laboratório utilizado nas línguas de modalidade oral-auditivas para a Libras para, assim, eliciar o fenômeno nas pessoas surdas. Teremos como base o estudo de Brown e McNeil (1966) mencionado. Os sujeitos serão instruídos sobre o fenômeno e depois serão submetidos a dois testes, a serem elaborados para o estudo: Teste de atribuição de sinal a uma definição; Teste de nomeação. Os dados serão tabulados e analisados quali-quantitativamente.

Palavras chave: Língua de sinais; Ponta da língua; Libras

Karolin Obert

karolinobert@gmx.de

Comunicação

Orientadora: Luciana Raccanello Storto



Existem Construções Serias Verbais na língua Dâw?

Construções multiverbais são consideradas uma característica areal do Alto e Médio Rio Negro (AM). Nessa área linguística encontram-se, por exemplo, compostos complexos, construções de verbo dependente-auxiliar ou mesmo Construções Seriais Verbais (CSV) funcionando como sequências mono-oracionais de verbos flexionados ou raízes verbais (Aikhenvald, 2011). No exemplo (1) da língua Dâw (família linguística: Nadehup, AM) observamos que a sequência das raízes verbais ocorre sem marcação de coordenação, subordinação ou dependência entre elas. Além disso, observamos que o valor aspectual é compartilhado, pois o morfema indicando TAM ocorre apenas uma única vez em posição periférica.

(1)

[[xaa	'yaa']	xâd]	tir	râan	dâr	dôo
cozinhar	assar	TAM:dur	3S	pais	PL	em.frente

'(Ele) cozinhou (as crianças) na frente dos pais'

Em relação a língua Dâw, Martins (2004; 2007) observou que construções desse tipo são mais produtivas do que as de predicados simples, enquanto CSVs com mais de três raízes verbais são comuns na língua. Os dados obtidos no último trabalho de campo podem confirmar que a língua mantém o uso constante de predicados complexos, porém nem sempre os podemos tratar como CSVs, uma vez que há uma relação de predicado-argumento entre as raízes verbais que contraria o critério mencionado acima para essas construções. Assim é, por exemplo, o caso de quando uma raiz verbal está sendo modificada por um morfema de aspecto, que deriva muitas vezes de verbos de movimento, os quais podem funcionar como verbos principais em outros contextos. Nesse caso, nem sempre está claro se tratamos a construção como uma CSV, tendo a estrutura [V+V] de um verbo sendo modificada através de um morfema TAM [V+TAM] demonstrando uma relação de dependência.

Construções análogas foram observadas nas línguas irmãs Hup e Yuhup. Para Yuhup, Ospina Bozzi (2013) analisa construções multiverbais como CSVs, enquanto Epps (2008) as descreve como compostos complexos através de critérios fonológicos. Nas descrições dessas construções podemos observar que elas se assemelham, o que dificulta sua análise. Por esse motivo, o trabalho pretende mostrar o que entendemos como processo de serialização verbal, demonstrando critérios para identificar essa estrutura na língua Dâw. Com ajuda desses critérios veremos que a língua Dâw de fato apresenta poucos casos de serialização, porém temos que separá-los cuidadosamente de predicados que contêm uma relação de dependência entre as raízes. Além disso, veremos que a ordem sintática das raízes nas CSVs em Dâw parece influenciar a leitura dessas construções.

Por fim, o trabalho apresenta que uma língua como Dâw, de perfil isolante com baixo índice de afixos, é muito desafiadora no que diz respeito a observação desse fenômeno, uma vez que ela não marca dependência entre as raízes verbais e pelo fato que ela possui morfemas multifuncionais ocorrendo como itens lexicais e funcionais ao mesmo tempo.

Palavras chave: Línguas Nadehup; Noções espaciais; Predicados Complexos



Klauber Renan Dutra de Oliveira

klauber89@gmail.com

Comunicação

Orientador: Paulo Chagas



Verbos defectivos no Português Brasileiro: eles existem?

Verbo é uma categoria conhecida por sua complexidade de fenômenos. Várias informações se fazem presente em um paradigma verbal, como tempo, modo, número, pessoa e voz. Esta pesquisa consiste em uma análise de um desses fenômenos nos paradigmas verbais no português brasileiro (PB), a defectividade, numa abordagem à luz da proposta de Baerman, Corbett e Brown (2010). De acordo com tal proposta, a defectividade é um fenômeno que ocorre em línguas naturais com certa frequência. Os verbos defectivos no PB, de acordo com autores tradicionais, são tratados como paradigmas “defeituosos”, apresentando uma conjugação incompleta. Há autores que citam formas de suprir a falta desses paradigmas numa flexão, como a utilização de formas perifrásticas e/ou sinônimos. Também é possível encontrar justificativas para a ocorrência da defectividade nos verbos em PB, como homofonia de um verbo defectivo

com outro; ou pela forma apresentar cacofonia. Porém, é possível encontrar esses mesmos verbos sendo flexionados de forma completa sem estranhamento por parte dos falantes nativos, como o caso dos verbos banir, colorir, explodir, competir e outros. Podemos perceber que, em relação aos verbos no PB, as justificativas para explicar esse fenômeno são subjetivas e contraditórias. Portanto, a pergunta crucial é: esses paradigmas são de fato defectivos ou apenas formas evitadas pelo falante? A pesquisa, então, tem por objetivo averiguar se a defectividade é, realmente, um fenômeno presente nos verbos do PB ou não. Logo, um estudo experimental está sendo feito para analisar essas questões e outros questionamentos de trabalhos anteriores, como Nevins, Damulakis & Freitas (2014) que listam uma série de verbos considerados defectivos pela gramática normativa e fazem experimentos a fim de descobrir se os falantes também consideram esses mesmos verbos como defectivos. De acordo com os resultados a que chegamos, podemos afirmar que a defectividade, em paradigmas verbais do PB, precisa ser revista.

Palavras-chave: defectividade; morfologia; verbos

Leticia Evelyn Leite Santos

leticia.evelyn.santos@usp.br

Pôster

Orientador: Jairo Morais Nunes



A Complexidade das Estruturas com que-reportativo e que-adversativo do Português Brasileiro

Existem duas estruturas com reduplicação verbal em português brasileiro iniciadas com *que*, sendo que em cada uma delas o constituinte encabeçado por *que* aparece em posições diferentes na sentença:

- (1) P: O João lavou o carro?
R: Que ele lavou o carro, ele lavou (mas...)
- (2) P: O João tomou o remédio para gripe?
R: Não, mas que ele deveria tomar o remédio, ele deveria.

Em (1) a estrutura com *que*, que vou chamar de *que-reportativo*, é o primeiro termo da sentença, enquanto que em (2), a estrutura com *que*, que vou chamar de *que-adversativo*, é o segundo termo. Essas estruturas diferem não apenas em termos de posição mas também pela necessidade de repetir um antecedente discursivo obrigatoriamente, que só ocorre com *que-reportativo*, como mostra (3)-(4), e pela presença de uma sentença coordenada adversativa implícita, que também só ocorre com *que-reportativo*, como mostra (5).

- (3) a. P: Você vai pedir esse hambúrguer?
R: Que eu vou pedir, eu vou (mas...)
b. P: Você vai pedir esse hambúrguer?
R: #Que eu como salada, eu como em casa (mas...).
- (4) a. P: Você vai pedir esse hambúrguer?
R: Sim, mas que eu não deveria pedir, não deveria.
b. P: Você vai pedir esse hambúrguer?
R: Sim, mas que eu deveria comer salada, deveria.
- (5) a. P: O Pedro vende verduras mais barato?
R: Que ele vende mais barato, ele vende (mas...)
b. P: O Pedro vende verduras mais barato?
R: Não, mas que ele poderia vender, ele poderia.

Base teórica

Para comparação entre as estruturas com *que-reportativo* e *que-adversativo* e outras estruturas de reduplicação verbal, utilizou-se a análise de topicalização de projeções verbais do português brasileiro de Bastos (2001, 2009), a qual trata de três tipos de estruturas com reduplicação verbal, e a análise do português europeu de Martins (2007), que trata de sentenças com reduplicação verbal que expressam desacordo enfático.

Metodologia e resultados

Para condução da pesquisa foram realizados testes de julgamento de gramaticalidade com falantes nativos do português brasileiro sobre as sentenças envolvendo os fenômenos em questão. Através da comparação, observou-se que as estruturas iniciadas por *que* diferem das estruturas com reduplicação verbal do português já estudadas. Observou-se também que construções com *que-reportativo* e *que-adversativo* aparentam ser derivadas sintaticamente através de estruturas evidenciais nos termos de Speas & Tenny (2003) devido à presença do próprio *que* e pelo contexto discursivo no qual aparecem



Palavras chave: reduplicação verbal; português brasileiro; comportamento sintático

Letícia Moraes Lima

lesemiotica@gmail.com

Pôster

Orientador: Ivã Carlos Lopes



A problemática do texto pela perspectiva da semiótica

Diversas são as áreas das ciências humanas que têm o texto como seu objeto de estudo, tais como a Linguística, a Literatura, a Gramática, a História, a Filosofia, as Ciências Sociais, entre outras. É verdade que a noção de texto já esteve no centro de discussões acaloradas de tais ciências e recebeu diversas acepções nas mais variadas correntes teóricas contudo a questão continua em aberto nos dias de hoje e merece um estudo mais atento. A pesquisa que se delineia nesse trabalho pretende investigar a noção de “texto” na semiótica discursiva, tendo em vista os desenvolvimentos mais atuais dessa ciência da significação. Uma vez que a teoria semiótica tem se aberto às análises-objeto, tais como as práticas sociais e individuais, vem-se delineando uma reivindicação, cada vez mais marcada, no sentido de se pensar o texto no horizonte mais largo das ciências da cultura, o que pede a retomada da bases da teoria, para que se possam discutir os desenvolvimentos mais recentes à luz de seu princípios formuladores. Para tanto, recorreremos à leitura de obras considerada fundamentais para a existência do projeto semiótico, principalmente de Hjelmslev e do próprio Greimas. Por outro lado, também se faz necessária uma leitura de Zilberberg, Fontanille e Landowski, semioticistas contemporâneos, que lideram “vertentes” conhecida no quadro da semiótica, com o objetivo de compreender como a noção de texto vem sendo concebida nos trabalhos mais atuais. Para essa apresentação, selecionamos alguns dos resultados, ainda parciais, fruto da pesquisa de doutoramento, sobre a relação entre a teoria hjelmsleviana e a tensividade, de Zilberberg. Pretendemos, dessa forma, retomar alguns dos conceitos apresentados pelo mestre dinamarquês a partir da semiótica tensiva, os quais apontam em direção ao texto. Selecionamos, portanto, algumas obras de ambos os teóricos, de Hjelmslev: *La catégorie des cas* (1935), *Ensaio Linguísticos* (1941), *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* (1953) e *Le Langage* (1966); e do Zilberberg: *Razão e Poética do sentido* (1988), *Louvando o acontecimento* (2007), *Des formes de vie aux valeurs* (2011) e *La structure tensiva* (2012). Os procedimentos metodológicos da pesquisa dizem respeito à análise linguístico-discursiva dos dados. Entendemos que discutir a noção de texto, dentro da semiótica, possibilita a compreensão do percurso construído pelos semioticistas até o momento presente.

Palavras chave: texto; semiótica; Hjelmslev; Greimas; Zilberberg

Lucas Cavalini Barboza

lucas.cavalini.barboza@usp.br

Comunicação

Orientadora: Luciana Raccanello Storto



Aspectos da glotalização na língua Dâw: resultados finais

Nesta comunicação, apresentam-se alguns dos resultados finais da pesquisa de mestrado “Aspectos da glotalização na língua Dâw: um estudo de fonética experimental”, que analisa alguns aspectos fonéticos e fonológicos das consoantes glotalizadas da língua Dâw. Argumenta-se a favor da proposta de que, na língua Dâw, a glotalização é uma propriedade segmental e distintiva, conforme descrito por Martins (2004), restrita à classe das consoantes soantes. Observa-se mais de uma forma fonética nas consoantes glotalizadas, que incluem, sobretudo, fonação rangeada e voz áspera (ESLING; HARRIS, 2003). Quando comparadas às consoantes simples equivalentes, as consoantes glotalizadas são, em geral, mais curtas, têm forma de onda dos ciclos glotais mais irregular, H1–H2 menor e frequência fundamental mais alta (nos casos sem rangeado). Exceto pelos níveis de frequência fundamental, as propriedades acústicas dos segmentos vizinhos não são afetadas. A glotalização confina-se ou manifesta-se com maior intensidade nas partes das consoantes que se encontram mais distantes das vogais adjacentes, padrão que também foi notado em outras línguas do mundo (PLAUCHÉ et al., 1998). Verificou-se que o aumento de frequência fundamental causado pela glotalização não provoca restrições no sistema tonal da língua Dâw e que os níveis de frequência fundamental dos tons lexicais são priorizados. A confirmação fonética do processo de redução silábica descrito por Martins (2004) permite defender que a glotalização e a oclusiva glotal compartilham o mesmo traço ou se definem por gestos semelhantes, sobretudo porque a comparação das características de ambas e a avaliação das consoantes soantes vizinhas de oclusivas glotais reforçam a semelhança. Entretanto, não há dados suficientes para sustentar a proposta de Martins (2005) de que as consoantes glotalizadas da língua Dâw originaram-se simplesmente da incorporação de traços das oclusivas glotais pelas consoantes simples. Por fim, observou-se que as ocorrências das formas da glotalização se relacionam com a nasalidade dos segmentos e com o sexo e a faixa etária dos falantes. A relação entre nasalidade e forma da glotalização, assim como o padrão temporal das consoantes glotalizadas, talvez possam ser explicados por fatores aerodinâmicos ou perceptuais (GORDON; LADEFOGED, 2001). Entretanto, este estudo não pôde avançar na compreensão da motivação desses fatos. A relação entre sexo, faixa etária e forma da glotalização não indica mudança em curso e demanda uma pesquisa sociolinguística mais aprofundada.

Palavras chave: Nadahup; Dâw; tipos de fonação; glotalização

Lucas Porto de Queiroz

l-porto@hotmail.com

Comunicação

Orientadora: Norma Discini de Campos



Entre expansão digressiva e concentração moralizante: uma proposta semiótica para o narrador saramaguiano

Sobretudo a partir do início da década de 1980, José Saramago notabilizou-se como um dos escritores de língua portuguesa a conquistar considerável apreço da crítica literária sem, em contrapartida, cobrar um texto que se possa considerar dos mais herméticos na literatura contemporânea, o que decerto contribuiu para a formação de um público leitor significativo. Entendendo que o narrador de seus romances, gênero em que o autor mais escreveu, responde bastante por essa combinação relativamente exitosa de público e crítica, este trabalho volta-se diretamente para esta instância enunciativa. Investigamos o narrador saramaguiano, então, a partir do reconhecimento de dois vetores que consideramos distintivos desta instância enunciativa e que nomeamos como expansão digressiva e concentração moralizante. Apresentando e detalhando de que consiste cada um deles, defendemos o reconhecimento possível de uma oscilação regulada entre ambos os movimentos. Expomos também as categorias narrativas e tensivas que nos parecem sustentar a expansão digressiva e a concentração moralizante. Paralelamente, desenvolvemos uma análise de parte da fortuna crítica saramaguiana, com a qual fizemos nossas análises se confrontarem – em especial quando essa crítica problematiza o quantum de moderno e de tradicional haveria nos romances do tal português. Defendemos, por fim, que as opções discursivas apreendidas nos permitem aproximar a função desempenhada pelo narrador do éthos de um orador, tal como concebido pela retórica clássica. Verificamos, ainda, como os vetores expostos ao longo do trabalho dialogam com a categoria semiótica do estilo. Baseamo-nos em dois romances de José Saramago - Memorial do convento (1982) e A caverna (2000) - e utilizamos como referencial teórico a semiótica de linha francesa, nascida com Saussure (2012), desenvolvida por Hjelmslev (2009) e aprimorada por Greimas (1975) e, mais recentemente, por Zilberberg (2011).

Palavras chave: Semiótica; Literatura; Narrador; José Saramago

Lucas Takeo Shimoda

lucas.shimoda@yahoo.de

Comunicação

Orientador: Luiz Tatit



Timbre e práxis enunciativa: aproximações especulativas

Definido comumente como “qualidade que distingue sons de mesma altura e intensidade, originados por emissores distintos”, o timbre parece pouco pertinente ao campo dos estudos linguísticos. No entanto, seu papel nos mecanismos de significação de enunciados orais e sincréticos (cancionais e musicais) tem atraído a atenção de estudos recentes que, apoiados sobre o alicerce teórico da semiótica discursiva (Greimas; Courtes 2012 [1976]) e sobre seus desdobramentos aplicados à análise da canção popular brasileira (Tatit, 1997), abordaram frontalmente (cf. Coelho, 2007; Dietrich, 2008) ou tangencialmente (cf. Machado, 2012; Fernandes, 2012) a contribuição desse parâmetro sonoro na construção de sentidos. Nosso recenseamento bibliográfico detectou, no entanto, um fraco entrelaçamento entre esses trabalhos no que concerne o estatuto do timbre na arquitetura geral da estrutura semiótica de um dado texto-enunciado. Além disso, compatibilidades conceituais subjacentes permanecem escamoteadas sem liame explícito. Com esse cenário em vista, propomos reorganizar e rearticular as proposições trazidas à baila em torno do conceito pivô de práxis enunciativa. Traçando um arco que parte das reflexões pioneiras de Émile Benquiste (2006 [1974]) sobre a inserção do sujeito na linguagem pelo aparelho formal da enunciação e vai até às propostas mais recentes de Veronica Estay-Stange (2011, 2014) sobre a noção de *debreagem* sensível e enunciação hiperdeitizada, discutiremos em que medida o conceito de práxis enunciativa articula satisfatoriamente os aspectos morfogenéticos do timbre e as regulações sociodiscursivas de sua circulação. Por concernir diretamente fenômenos ligados à enunciação, a práxis enunciativa consegue dar conta da questão do timbre como extensão corporal do sujeito (cf. Tatit, 1997, p. 158). Da mesma forma, por incluir a estereotipia de usos estocados na memória discursiva (cf. Bertrand, 2003), a práxis enunciativa também aborda os processos catalisadores tanto da seleção/exclusão quanto da triagem/mistura de timbres nos enunciados cancionais. O balanço intermediário do presente estudo ainda em andamento deixa questões em aberto para passos futuros da pesquisa, a saber: (i) assumindo o timbre como elemento ancorado à práxis enunciativa em sua dupla natureza, quais instrumentos conceituais são necessários para descrever relações de dominância entre uma e outra instância? (ii) em que medida esses instrumentos conceituais são adequados para descrever o timbre em sua qualidade de substrato material comum a textos orais e musicais/cancionais?

Palavras chave: semiótica da canção; práxis enunciativa; timbre, enunciação

Lucia Passafaro Peres

luciapassafaro@gmail.com

Comunicação

Orientador: Dr. Ivã Carlos Lopes



O éthos discursivo em um vídeo educativo de Matemática

Este trabalho consiste na análise do vídeo educativo de Matemática “Pitágoras na prática”, produzido pelo Instituto Ciência Hoje (ICH). O vídeo, com duração de 2min53s, é disponibilizado no site “Ciência Hoje das crianças”, uma versão infantil da revista eletrônica Ciência Hoje (link: <<https://www.youtube.com/watch?v=GfxvpW9xfpY>>). Nesse audiovisual, o teorema de Pitágoras é demonstrado por meio de um experimento feito com cartolinas. A análise tem como foco a apreensão do éthos discursivo da enunciação, utilizando-se como base teórica a semiótica desenvolvida por Algirdas Julien Greimas e seus desdobramentos, como a semiótica tensiva, desenvolvida por Claude Zilberberg e Jacques Fontanille. O conceito de éthos discursivo utilizado é fundamentado no conceito de éthos aristotélico. Na Retórica, Aristóteles afirma que a persuasão em um discurso se dá por meio de três características: o caráter (éthos) moral do orador, o modo como o ouvinte ouve o discurso e as demonstrações feitas no discurso. Segundo Aristóteles (2005), o éthos é uma das principais maneiras de persuasão em um discurso. A persuasão pelo éthos (ou caráter) consistiria em fazer uma boa imagem de si mesmo para ganhar a confiança do público. Buscamos analisar, portanto, de que maneira o éthos está presente no fazer persuasivo do enunciador (destinador) do vídeo “Pitágoras na prática”, que busca fazer o enunciatário (destinatário) entrar em conjunção com o objeto de valor “compreensão do teorema de Pitágoras”. Considerando que o éthos do enunciador é intrínseco à enunciação, procuramos apreendê-lo por meio de aspectos como marcas da enunciação no enunciado – de breagens de pessoa, tempo e espaço, por exemplo – e por meio de escolhas do enunciador que se observam tanto no plano do conteúdo como no plano da expressão. Entende-se que a presença das breagens enunciativas de pessoa, tempo e espaço e a euforização dos valores relacionados à infância e ao lúdico, constatados na análise do vídeo, contribuem para uma maior aproximação entre enunciador e enunciatário e, conseqüentemente, para o fazer persuasivo do enunciador.

Palavras chave: semiótica; educação; audiovisual

Luiz Fernando Ferreira

fernando.ferreira@msn.com

Comunicação

Orientadora: Ana Müller



Modos verbais e modos sentenciais em Karitiana

O objetivo deste trabalho é ampliar o conhecimento translinguístico sobre as categorias ‘modo’/‘modalidade’; estudando-as em uma língua indígena brasileira. A motivação desse estudo se dá principalmente porque pouco se sabe a respeito dessa categoria em línguas não pertencentes ao tronco indo-europeu (Palmer, 2001). O objeto de estudo desta pesquisa é a língua Karitiana (família Tupi, subfamília Arikém) e o corpus analisado é formado por dados provenientes dos mitos e narrativas dessa língua e de dados coletados pelo autor da pesquisa com falantes nativos usando como metodologia de coleta a elicitación contextualizada de dados (Matthewson, 2004, Mendes, 2014). O tema modo em Karitiana foi primeiramente analisado por Storto (2002) que afirma que a língua possui um sistema de modo bastante desenvolvido porém ainda pouco entendido. Para a autora, essa língua possui seis morfemas de modo: na(ka)-/ta(ka)- (declarativo), pyt- (assertivo), pyn- (deôntico), iri- (citativo), jỹ- (condicional) e -a/-s/- y (imperativo). Para a autora, os morfemas classificados em Karitiana ocorreriam entre os morfemas de pessoa e a raiz verbal como observado em ‘yn a-taka-hit kat’ (glosa: ‘eu 2p-dec- dar isso’, tradução: ‘eu te dei isso’ (Storto, 1999)). Nessa primeira análise, Storto (com. pess.) assume que cada um desses morfemas marca um tipo diferente de sentença na língua, sendo morfemas de modo sentencial. Para aprofundar a análise desses morfemas, esta pesquisa utilizou a semântica e a pragmática formal para embasar teoricamente os conceitos de ‘modo’, ‘modalidade’, ‘tipo de sentença’ e ‘força ilocucionária’. Os trabalhos tipológicos assumem que modo é um morfema que marca modalidade (Bybee, 1985; Palmer, 1986) e modalidade na semântica formal é uma categoria do significado que está relacionada à expressão de necessidades e possibilidades (Kratzer, 1981; von Stechow, 2006; Hacquard, 2011). Já na pragmática, modo é um morfema que marca tipos de sentença e tipos de sentença estão relacionados à força ilocucionária da sentença (Saeed, 2009; Portner, 2011). Neste trabalho, os morfemas de modo que estiverem relacionados à expressão de modalidade são referidos como ‘modo verbal’ e os morfemas de modo que estiverem relacionados ao tipo sentencial são chamados ‘modos sentenciais’ seguindo a nomenclatura proposta em Portner (2011). A análise dos morfemas do Karitiana classificados como modo mostrou que essa língua possui dois lugares na estrutura morfossintática do verbo para marcar a categoria ‘modo’; e não apenas um como assumido anteriormente. Isso pode ser observado em ‘a-ta-jỹ-hit-ø celular-ty’ (glosa: ‘2p-dec- condar- nfut celular-obl’ tradução: ‘eu te daria um celular’). Na análise proposta por esta pesquisa, cada posição marcaria um tipo específico de modo: os morfemas que ocorrem na primeira (e.g. na(ka)-/ta(ka)-) marcam tipos sentenciais, ou seja, são modos sentenciais e os morfemas que ocorrem na segunda posição (e.g. pyn- e jỹ-) marcam modalidade, ou seja, são modos verbais. Modos verbais e modos sentenciais podem coocorrer o que é uma evidência da existência de duas posições. O estudo das categorias ‘modo’/‘modalidade’ em Karitiana possibilitou um melhor entendimento dessa categoria translinguisticamente. Segundo Sadock & Zwicky (1985) morfemas de modo não coocorrem e este trabalho mostrou que eles podem ocorrer se não estiverem ambos relacionados a força ilocucionária/modalidade.

Palavras chave: Modo; Línguas indígenas; Semântica



Marcelo Segreto

contato@marcelosegreto.com.br

Comunicação

Orientador: Luiz Tatit



O recorte da melodia pela frase linguística nas canções populares

Esse trabalho, fundamentado na semiótica da canção desenvolvida por Luiz Tatit desde a década de 1980, pretende observar exemplos de obras cancionais nos quais, sob o ponto de vista figurativo, o pacto fiduciário entre o destinador (cancionista) e o destinatário (ouvinte) se enfraquece. Examinaremos, sobretudo, o recorte das frases melódicas pelo texto verbal na formação das chamadas "unidades entoativas". Analisaremos, desse modo, os diferentes graus de distanciamento entre a relação melodia-letra de determinadas canções e a entoação da língua oral, o que, a nosso ver, pode determinar diferentes graus ou maneiras de envolvimento do público com a obra. Por fim, estudaremos casos em que esse afastamento em relação à entoação é criado de forma consciente pelo artista, estabelecendo então um novo tipo de contrato no qual o ouvinte entende e aceita a "deformação" da língua e se envolve ludicamente com a obra.

Palavras chave: canção popular; música; semiótica da canção

Marcos Rogério Martins Costa

marcosrmcosta15@gmail.com

Comunicação

Orientadora: Norma Discini de Campos



Manifestações de rua do século XXI no Brasil: gradação escalar das "Jornadas de Junho" e dos "Protestos de Março"

Em junho de 2013, as multidões foram às ruas, inicialmente, mobilizadas pelo Movimento Passe Livre (MPL) contra o aumento da tarifa de transporte público na capital paulista. Depois, mobilizações tomaram as ruas de todo o País, acolhendo diversas e distintas reivindicações em uma organização descentralizada, apartidária e heterogênea (GOHN, 2014; NOBRE, 2013; SECCO, 2013). Esse fenômeno foi noticiado e reportado pelas mídias digitais e mais tardiamente pelas mídias impressas, sendo nomeado, a posteriori, “Jornadas de Junho”. Em março de 2015, o cenário político, econômico e cultural era outro. As manifestações de rua, intituladas posteriormente “Protestos de Março”, se aglomeravam em diversas cidades brasileiras, posicionando-se contra a atuação do governo da, então, presidente Dilma Rousseff. A sua organização tinha outro formato: as manifestações eram conduzidas por movimentos sociais bem definidos, com apoio partidário explícito e a divulgação massiva nas mídias impressas e digitais, tanto quanto nos noticiários ao vivo nos diversos sistemas de comunicação televisivos. Observando essas diferenças nas duas maiores manifestações de rua do período de redemocratização brasileiro, o objetivo desta pesquisa é entender semioticamente como se construiu o sentido desses dois fenômenos sociais nas mídias jornalísticas. Para tanto, selecionamos as características principais que subjazem o ser e o fazer dessas manifestações a partir do corpus dos editoriais e das reportagens de três mídias jornalísticas: os jornais impressos O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo e a fanpage do Facebook do coletivo Mídia Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação (conhecido como Mídia NINJA). Partimos, assim, de uma perspectiva semiótica, baseada nos pressupostos de Greimas e Courtés (2008) e nos desdobramentos tensivos de Fontanille e Zilberberg (2001). Com esse arcabouço teórico, depreendemos no cotejo entre o eixo do sensível e o inteligível a gradação escalar do sentido dessas duas manifestações de rua. De um lado, temos as Jornadas de Junho mais próximas dos valores de absoluto, por isso sofrendo um processo de triagem que quanto mais intenso, mais acelera o sensível. Daí essas manifestações terem sido mais curtas temporalmente e muito mais tônicas sensivelmente. De outro lado, temos os Protestos de Março mais próximos dos valores de universo. Com isso, eles foram se desenvolvendo em um processo de mistura em que quanto mais extenso, mais lento e mais inteligível. Por isso, esse outro fenômeno foi mais durativo no tempo e menos átono sensivelmente, haja vista o predomínio de uma doxa mais atuante do que nas outras manifestações analisadas. Eis duas grandes mobilizações populares no Brasil com dimensões sensíveis bem distintas.

Palavras chave: Semiótica; Jornadas de Junho; Protestos de Março; Tensividade

Maria Vitória Laurindo Siviero

m_vitoria34@hotmail.com

Comunicação

Orientador: Antonio Vicente Seraphim Pietroforte



Os regimes semiológicos da performance art

A performance artística surgiu inicialmente como um meio no qual os vanguardistas testavam as suas ideias e passou a ser aceita como uma manifestação independente por volta da década de setenta. Trata-se de uma arte híbrida que mistura elementos de outras linguagens, como a poesia a música, a dança, o teatro e o cinema. Tornou-se conhecida por chocar suas plateias com apresentações espontâneas e transgressoras, colocando em cheque a concepção de arte. Assim como as demais linguagens artísticas, a performance estabelece um modo específico de atuação, o que torna possível analisá-la por meio da particularização de seus aspectos. A semiótica estuda os fenômenos culturais como sistemas de signos, e torna-se assim, uma ferramenta que pode fornecer a base para estes estudos, uma vez que relativiza as camadas do significado e permite que se observe os diversos níveis de articulação do sentido em diferentes atos comunicativos. Valendo-se de elementos da semiótica greimasiana, como o percurso gerativo do sentido e a relação entre enunciador e enunciatário, e das reflexões desenvolvidas por Jean-Marie Floch, em *Sémiotique Marketing et Communication*, e Antonio Vicente Pietroforte, em *O Discurso da Poesia Concreta*, esta pesquisa pretende desenvolver uma tipologia de diferentes regimes de manifestação da performance art, baseada na oposição semântica de identificação vs diferenciação, e verificar possíveis coerções de gênero próprias à arte performática. A partir da aplicação da referida oposição semântica à relação entre performer, público e espaço de realização da obra, serão apresentados exemplos distintos de obras de arte performática que satisfaçam cada um dos quatro polos do quadrado semiótico decorrente. Por fim, o objetivo central desse estudo não é simplesmente analisar a relação do performer com sua obra, ou fornecer-lhe descrição definitiva, mas interpretar a significação da performance art por meio do engajamento com seu público e a partir da relação entre performer e seu espaço de realização.

Palavras chave: performance; arte; semiótica

Mayara Espadaro

mayespadaro@gmail.com

Comunicação

Orientadora: Ana Paula Scher



Os lapsos de fala em Português Brasileiro sob a perspectiva da morfologia distribuída

Os lapsos de fala são enunciados que apresentam um desvio com relação ao que o falante pretendia dizer (Fromkin, 1973). Esse erro pode se manifestar em níveis linguísticos distintos, afetando segmentos fonológicos, morfemas, palavras ou sentenças. Muitos linguistas defendem que os lapsos de fala são uma importante evidência para a postulação de modelos de performance que levem em conta a realidade psicológica das unidades linguísticas e suas regras (Fromkin, 1973; Pfau 2009; Garrett, 1975; Levelt, 1989). O objetivo do nosso trabalho é, portanto, investigar a estrutura dos lapsos de fala espontâneos do português brasileiros que afetam o nível morfológico e explicitar as regras que controlam os lapsos na nossa língua. Além disso, destacamos que há poucos trabalhos sobre lapsos de fala em português: Iliovitz (2007), Rodrigues (2006; 2009; 2015) e Nobrega (2010), sobre o português europeu, sendo que nenhum desses trabalhos focou em lapsos morfológicos envolvendo morfemas, raízes e traços gramaticais. Logo, fica evidente a necessidade de contribuirmos para a descrição e análise dos lapsos de fala em português. Para, com isso, adotamos como modelo teórico o sistema de Pfau (2009), que foi desenvolvido com base nas evidências fornecidas pelos lapsos de fala e tem como alicerces a arquitetura da gramática da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz, 1993; Marantz, 1997) e o modelo de performance em níveis (Garrett, 1975; Levelt, 1989). Nossa hipótese inicial é de que esse sistema consegue dar conta da análise dos lapsos de fala em português brasileiro. Os resultados parciais da pesquisa dispõem de um corpus constituído por 110 dados. Os dados foram coletados pelo método naturalístico, isto é, os lapsos foram anotados em contexto natural e espontâneo de fala, sem indução por testes. As vantagens dessa metodologia estão na observação da linguagem em uso real, a acessibilidade da coleta e possibilidade de encontrarmos um número bastante extenso de dados (Iliovitz, 2007). O que os dados apontam é que há diferentes estruturas subjacentes aos lapsos de fala morfológicos em português, sendo possível classifica-los em seis tipos distintos de acordo com suas características. As classes são: (1) blends de palavra, (2) blends frasais, (3) substituições que envolvem aspectos semânticos, (4) substituições que envolvem aspectos fonológicos, (5) lapsos que envolvem morfemas, e (6) lapsos que atingem traços gramaticais.

- (1) "Jacaré tem rauba" → Jacaré tem rabo/cauda
- (2) "Eu gosto quando você fala no meu orelho" → Eu gosto quando você fala no meu ouvido / na minha orelha
- (3) "Coube tudo no liquidificador" → Coube tudo no congelador
- (4) "Tem imãs diferentes" → Tem himens diferentes
- (5) "Preparamentos do casativo" → Preparativos do casamento
- (6) "Vamos ver a boneca das suas tias" → Vamos ver as bonecas da sua tia

Essa classificação leva em conta, principalmente, quais os elementos morfológicos estão sendo afetados e a localização da falha dentro da arquitetura da gramática. O que os dados relevaram,

na análise parcial, é que o sistema de Pfau (2009) consegue amplamente dar conta das seis estruturas diferentes atestadas nos tipos de lapsos de fala em PB.

Palavras chave: Lapsos de fala; Morfologia Distribuída; Modelo de Performance



Murillo Clementino de Araujo

murillo.d.araujo@gmail.com

Comunicação

Orientador: Ivã Carlos Lopes



Narratividade e marcadores sociais da diferença em A princesa e a costureira, de Janaína Leslão

A escritora e psicóloga Janaína Leslão e o ilustrador Júnior Caraméz publicaram o livro infantil e juvenil *A princesa e a costureira* no final do ano de 2015. O conto de fadas narra a história de Cíntia, a princesa do reino de EntreRios, que desde o seu nascimento foi prometida em casamento a Febo, o pequeno príncipe do reino vizinho, EntreLagos. Posteriormente, entretanto, quando todos já são adultos, Cíntia vai encomendar o seu vestido de noiva e conhece a costureira Istar, por quem se apaixona, o que acaba gerando uma série de conflitos sociais e psicológicos ao longo da trama. Com base nos estudos sobre o conto folclórico russo (PROPP, 1968) e sobre a semiótica narrativa e discursiva (GREIMAS, 1970), nota-se que o ponto de partida do livro é o contrato narrativo existente entre os reis e as rainhas dos dois reinos para casarem os seus filhos Cíntia e Febo entre si. Todavia, como a princesa se apaixona pela costureira, ela se recusa a cumprir a performance esperada, o que desperta a paixão da ira em seu pai, que lhe aplica uma sanção pragmática negativa, mandando os soldados a prenderem na torre do castelo. Durante o tempo em que Cíntia passa na prisão, sua Fada Madrinha, sua irmã mais nova Selene, o príncipe Febo e os camponeses do povoado atuam como adjuvantes que empreendem diversos programas narrativos secundários para tentar salvá-la do confinamento e ajudá-la a ficar com Istar. No final da narrativa, o rei se arrepende de seus atos, torna-se um sujeito benevolente e abençoa a união de Cíntia e Istar, de modo que a princesa cumpre o seu percurso narrativo entrando em conjunção com o objeto de valor desejado, o amor verdadeiro. De modo geral, a passagem do nível narrativo para o discursivo implica considerar os actantes do conto de fadas também como atores do discurso. Assim, é importante observar os procedimentos de semântica discursiva por meio dos quais as personagens Cíntia e Istar recebem o papel temático-figurativo de mulheres que se apaixonam uma pela outra, dando início a um relacionamento homossexual. Apoiando-se no estudo de Lévi-Strauss (1982) sobre o parentesco, Greimas (1970) mostra que a homossexualidade seria uma relação proibida pela cultura e relegada à dêixis da natureza, ao passo que Rubin (1975), analisando as implicações lógicas do pensamento do antropólogo, mostra que o tabu do incesto e a “troca de mulheres” pressuporiam um “tabu da homossexualidade” bem como uma “heterossexualidade compulsória”. Além da sexualidade, são construídos no texto outros marcadores sociais da diferença (PISCITELLI, 2008; MOUTINHO, 2014), como a raça e a classe social, já que Cíntia é uma princesa negra e rica que se apaixona por Istar, uma costureira branca e pobre. Portanto, conforme afirma Fiorin (1998), a semântica discursiva se mostra como a dimensão privilegiada na qual os valores sociais e históricos são importados para a imanência do texto.

Palavras chave: Semiótica narrativa e discursiva, gênero, sexualidade, raça, classe

Olivia Yumi Nakaema

olivia.yumi@gmail.com

Comunicação

Orientadora: Olga Ferreira Coelho Sansone



Polidez na língua japonesa vista pelos estrangeiros no século XIX: análise do tratamento dos substantivos relativos à família

Na língua japonesa, a polidez acerca das pessoas da família é regida pela hierarquia e pelas relações de interioridade e exterioridade (SUZUKI, 1995). Os termos como “pai”, “mãe”, “avó”, “avô”, entre outros, podem expressar polidez ao se referirem a pessoas da comunidade do interlocutor ou do referente de quem se fala ou, no caso de vocativo, ao chamar o interlocutor-membro da família. Por ser esse um fenômeno que não há na língua inglesa, francesa, portuguesa, entre outras, os substantivos relativos à família foram apresentados com certo destaque em algumas gramáticas escritas por estrangeiros no século XIX. A fim de facilitar nossa análise, seguindo a metodologia proposta por Swiggers (2013), elaboramos uma proposta de história das descrições da língua japonesa do século XIX dividida em três “paradigmas” (KUHN, 1962) distintos: 1) Paradigma do Isolamento Japonês, correspondente aos primeiros anos do século XIX até 1854, data da abertura dos portos às nações estrangeiras; 2) Paradigma da Reabertura dos portos, correspondente ao período da abertura dos portos (1854) até a Restauração Meiji (1868) aproximadamente; e 3) Paradigma do Japão Moderno, correspondente ao período em que houve intenso processo de modernização do país seguindo o modelo ocidental. Desse modo, o objetivo deste trabalho é analisar, por meio dos instrumentos da Historiografia Linguística, como se deu o tratamento da polidez no que tange a esses substantivos relacionados à família nesses três paradigmas. Como método de análise, compara-se o tratamento atribuído a esse fenômeno linguístico nas principais gramáticas do século XIX, visando observar as diferenças e semelhanças entre elas. Em seguida, procura-se compreender a integração entre os fatores internos (linguísticos) e os externos (sociais, econômicos, históricos, etc.) presentes no tratamento da polidez. Nossas fontes primárias são as gramáticas e vocabulários mais representativos de cada paradigma: Medhurst (1830), Landresse (1825), Hoffmann (1867-8), Brown (1863-4), Satow (1873, 1876), Aston (1869, 1877, 1888) e Chamberlain (1888). Com base nesses dados, procura-se compreender o destaque atribuído à polidez nas gramáticas pelos autores no final do século XIX, como reflexo da “influência” e do “clima de opinião” (KOERNER, 1984, 1995) das ideias nacionalistas vigentes, que viam a polidez como um dos fatores que justificariam a “unicidade” (e conseqüente “superioridade”) da língua japonesa. Pode-se afirmar que o nacionalismo japonês do final do século XIX possuiu três bases sobre as quais se solidificou: 1) Bushidô, o código de honra dos samurais; 2) Shintoísmo, o culto aos antepassados; 3) Valorização da língua e da literatura, manifestada por formas gramaticalmente complexas e pelo retorno aos clássicos literários. Nossa hipótese é a de que a polidez da língua japonesa não havia sido alvo de muito destaque nos dois primeiros paradigmas, uma vez que não vigorava o movimento de modernização nacionalista. No entanto, a partir da influência do processo de modernização, a polidez passou a receber um maior destaque.

Palavras chave: Polidez; Historiografia Linguística; Língua Japonesa; século XIX

Priscila Lima Pirini

priscila.pirini@usp.br

Comunicação

Orientador: Paulo Chagas de Souza



Construções dativas em georgiano e outras línguas

Construções dativas são aqui definidas, de modo geral, como aquelas caracterizadas por terem o argumento considerado como sujeito marcado com o caso dativo. Em georgiano, verbos psíquicos de Classe IV são prototípicos desse tipo de construção, apresentando típicos sujeitos experienciadores. A partir da observação dessas construções e tendo como base a Linguística Cognitiva, em particular, a Gramática Cognitiva de Langacker (2008), tem-se como objetivo explorar e problematizar – no georgiano e nas línguas citadas abaixo em que essas construções aparecem – as hipóteses e questões referidas a seguir: a possibilidade de essas construções, cada qual, formarem uma família de construções com as construções circundantes; a consequente relação que as construções sob foco teriam com as construções circundantes; a problematização da relação do nominal dativo com noções de sujeito e foco primário; a importância de categorias semânticas, como volição, na significação acionada por construções dativas; e a construção de uma análise dessas construções no georgiano não a partir de uma classificação formal de verbos, mas partindo-se de sua significação. A partir, portanto, da discussão e problematização dessas hipóteses busca-se, com base tanto nas possíveis similaridades e diferenças encontradas entre as línguas estudadas, possíveis generalizações e explicações para os fenômenos linguísticos em questão. Dessa maneira, as construções referidas como dativas serão investigadas e subsequentemente descritas nas línguas sob foco para que se possa dar início à análise e verificação de hipóteses. Dentre as línguas inicialmente analisadas estão a já citada língua georgiana do sul do Cáucaso, o russo, uma língua eslava, o malaiala, uma língua dravídica, e o espanhol, uma língua românica.

Palavras chave: construção dativa; linguística cognitiva; georgiano

Rafael Camacho

elrafaelcamacho@gmail.com

Comunicação

Orientador: Jairo Nunes



DOM e geometria de traços no espanhol

No espanhol os objetos diretos podem ser marcados com uma preposição (A) sob determinadas circunstâncias. Minha proposta é que são dois traços que engatilham a marcação diferencial de objeto (DOM) no espanhol de Lima (DL): [+espec(ífico)], [+humano]. Observe os seguintes dados:

- (1) Juan vio *(a) María.
- (2) Juan vio *(a) la chica.

Nos casos (1) e (2), os objetos são [+espec], [+humano] e obrigatoriamente devem ser marcados com A. Baseado na noção de especificidade de Enç (1991), para quem um elemento [+espec] forma parte de um conjunto mencionado antes no discurso, proponho que o objeto da oração em (3) é [+espec], já que pode ser incluído no sintagma partitivo de la tienda. Por outro lado, tal objeto teria sido personificado como mostra a compatibilidade com um predicado psicológico (humillar) aplicável só a entidades [+humano]. Portanto, o objeto da oração em (3) é [+espec] [+humano], isto obriga que o objeto seja marcado com A; a ausência da marca gera agramaticalidade (4):

- (3) Vi a una moto de la tienda que humilló a sus competidores.
- (4) ??Vi una moto de la tienda que humilló a sus competidores.
- (5) Vi ??(a) una moto que humilló a sus competidores.

A oração (5) mostra que se o objeto é personificado (passou de [-humano] para [+humano]), obrigatoriamente deve aparecer a marca A. Se, como defendo, a marca A aparece quando o objeto é [+espec] [+humano], então a oração (5) mostra que para personificar é necessário que o objeto seja [+espec]. Uma forma de capturar esse tipo de relação de implicação entre traços é através de uma Geometria de Traços (Harley e Ritter 2002; Cowper and Hall 2003). Proponho a seguinte geometria para a implicação mencionada; (6) é a estrutura de um objeto como a una moto:

- (6)
[DP[D°[+espec[-def]][+atom [-anim[+hum +fem]]]] [NUMP[NUM°[+atom]] [nP[n][√P[√°[-anim[-hum +fem]]]]]]]

Palavras chave: objetos; especificidade; geometria

Raíssa Silva Santana

raissa.santana05@gmail.com

Pôster

Orientadora: Elaine Bicudo Grolla



O singular nu no Português Brasileiro infantil: um panorama sobre aquisição e genericidade

O objetivo desta apresentação é evidenciar como meu trabalho de mestrado contribuirá com a literatura a respeito do conhecimento das crianças sobre o singular nu em posição pré-verbal de sujeito com diferentes tipos de predicado. Para isso, serão introduzidos os trabalhos publicados que são relevantes para o tema, os resultados alcançados por seus autores e, por fim, os objetivos e metodologia do presente projeto. A literatura em questão é composta de uma bibliografia pouco extensa (AUGUSTO 2007; BRITO & TAVEIRA DA CRUZ 2012; LOPES 2006), o que sinaliza quão pouco se sabe a respeito do conhecimento que as crianças adquirindo o PB tem sobre esse nominal e sobre os contextos em que são licenciados, em comparação a estudos existentes sobre a sua semântica na língua adulta. Lopes (2006) e Brito & Taveira da Cruz (2012) discutem apenas dados de produção espontânea, não observando produções em que o singular nu figura em posição argumental de sujeito. Augusto (2004) apresenta um estudo experimental sobre o contraste entre DPs plenos e nominais nus, também não contemplando o julgamento dos sujeitos a respeito do singular nu pré-verbal. Nesse contexto, os resultados destes autores deixam várias perguntas sem resposta, como, por exemplo, qual o julgamento que as crianças atribuem para sentenças como “Menina também joga bola.”. Embora os dados analisados por estes autores tratem-se principalmente de dados com o singular nu em posição de objeto, esta bibliografia é relevante por abarcar os poucos estudos presentes na literatura que observam o comportamento das crianças adquirindo PB a respeito do referido nominal. A pesquisa a ser desenvolvida por mim objetiva investigar o julgamento de crianças adquirindo o PB com respeito a uma condição de licenciamento específica do singular nu em posição argumental de sujeito em sentenças da língua, o que é inédito na literatura. De acordo com Menuzzi et al (2014), sentenças questionavelmente julgadas como agramaticais (Müller 2000, 2001, 2002, 2004) - em que o singular nu figura em posição de sujeito - precisam ser enunciadas em um contexto relevante. Os contextos em questão são sentenças episódicas e sentenças com predicados-de- espécie. O que pretendo com o projeto de mestrado é investigar se a mesma condição de licenciamento se observa durante o processo de aquisição do PB. O instrumento de teste é a Tarefa de Julgamento de Gramaticalidade, que será aplicada a fim de estudar a gramaticalidade do singular nu nos seguintes contextos: 1) posição argumental de sujeito de sentenças episódicas; 2) posição argumental de sujeito de sentenças com predicados-de- espécie; 3) posição argumental de sentenças genéricas.

Palavras chave: Aquisição; Singular Nu; Português Brasileiro

Renato Caruso Vieira

caruso_108@hotmail.com

Comunicação

Orientadora: Elaine Grolla



Implicatura escalar como representação inferencial de intenções

Teoria de Relevância (Sperber & Wilson, 1986) é um modelo inferencial da comunicação humana que defende concentrar-se o esforço interpretativo de um ouvinte na busca pela intenção comunicativa do falante. Deriva-se desse entendimento a hipótese acerca da apreensão de implicatura escalar: contrariando a hipótese tradicional dos neo-griceanos, nada além de pistas contextuais dotariam um termo escalar fraco de sentido upper-bound (implicatura escalar), uma vez que delas seria inferida a intenção do falante em embutir a implicatura no termo em questão. Destinados a minuciar o nível de representação inferencial necessário para compreensão de implicatura escalar, buscamos inspiração em Happé (1993), que aplicou em portadores do Transtorno do Espectro Autista tanto false-belief tasks quanto testes de compreensão de figuras de linguagem para alcançar resultados notáveis: apenas os sujeitos com mais elevados VIQ (Verbal Intelligence Quotient) foram bem-sucedidos em false-belief tasks de primeira-ordem e na compreensão de metáfora, sugerindo que a competência inferencial que licencia a interpretação de metáforas é equivalente a uma Teoria da Mente de primeira-ordem. Pijnacker et al. (2009) e Chevallier et al. (2010), em experimentos capazes de avaliar o desempenho de portadores do Transtorno do Espectro Autista com implicatura escalar, convergiram à mesma conclusão de que apenas os sujeitos com mais elevado VIQ produziram dados compatíveis com os dos grupos de controle. Propomos, assim, que, se apenas autistas com elevado VIQ são bem-sucedidos em false-belief tasks (como indicado em Happé, 1993, e outros) e em testes de interpretação de implicatura escalar, deve haver correspondência entre ambas as competências. Recorremos, finalmente, ao estudo em aquisição de implicatura escalar de Papafragou & Tantalou (2004), o primeiro a identificar desenvolvimento da capacidade de extração de implicatura escalar já em crianças a partir de 4 anos. Sabendo que também é essa a faixa etária em que crianças passam a ser bem-sucedidas em false-belief tasks de primeira-ordem (De Villiers, 2007) e que não superam os de segunda-ordem antes dos 5 ou 6 anos (Miller, 2009), concebemos nossa proposta final, de que a Teoria da Mente de primeira-ordem é o nível de representação inferencial requerido para interpretação — e, conseqüentemente, também para a aquisição — de implicatura escalar. Assim, concluímos que, posta uma perspectiva de implicatura escalar como capacidade de reconhecimento de intenção do falante em implicar determinado conteúdo em contextos particulares, a competência envolvida nesse cálculo pragmático, por parte do ouvinte, é apenas a da compreensão de que o falante seja possuidor de uma mente diferente da dele, mente essa que subordina significados à sua própria percepção contextual. Nada que se distancie, por exemplo, da competência interpretativa de metáforas, coisa que reforça nossa proposta se nos lembrarmos de que, segundo Happé (1993), também a compreensão dessa figura de linguagem dependeria da mesma Teoria da Mente de primeira-ordem.

Palavras chave: Pragmática; Aquisição de Linguagem; Teoria de Relevância; Teoria da Mente; Implicatura Escalar

Ricardo Akira Sanoki

ikaro7@gmail.com

Comunicação

Orientador: Antonio Vicente Seraphim Pietroforte



A significação no desenho linear: uma abordagem semiótica da estrutura de seu sistema

Da mesma maneira que utilizamos linhas para escrever, o desenho linear se utiliza de linhas para gerar sua expressão. Essas linhas agrupadas em conjuntos são capazes de criar graficamente ilusões visuais, nos levando a crer que é realmente uma árvore que estamos vendo no papel. Logicamente nem todos os tipos de desenho nos remetem a algo realista, mas mesmo no estilo figurativo mais simplificado ainda conseguimos apreender, sem dificuldade, o significado do que determinado conjunto de riscos expressa. Segundo Wölfflin, em seu livro *Conceitos Fundamentais da História da Arte*: “Ver de forma linear significa, então, procurar o sentido e a beleza do objeto primeiramente no contorno – também as formas internas possuem seu contorno; significa, ainda que os olhos são conduzidos ao longo dos limites das formas e induzidos a tatear as margens. (...) a linha permanece como um limite firme, ao qual tudo se subordina ou adapta” (Wölfflin, 2000, p. 26). Propomos nesta apresentação uma abordagem semiótica do desenho linear, analisando como esta forma artística gera o seu significado dentro de nossa sociedade, utilizando inicialmente as teorias da semiótica greimasiana, da semiótica visual proposta por Jean-Marie Floch e as teorias de linguísticas propostas por Saussure, em seu livro *Curso de Linguística Geral*. As principais contribuições de Saussure para a nossa pesquisa serão o conceito de língua como sistema, a teoria dos signos e o conceito de valor, sendo estes dois últimos ampliados com as ideias de Hjelmslev. Toma também como base o conceito de imanência da língua, o significado do desenho linear não estaria fora dele, mas em si mesmo. Um dos grandes problemas de se fazer esta aproximação de língua e desenho acontece fortemente no meio artístico, onde em diversos momentos os artistas tentam se desvincular da linguagem verbal em seus trabalhos, e muitos pesquisadores desta área acreditam que não é possível explicar em palavras uma obra de arte visual.

Palavras chave: semiótica; artes visuais; desenho; linguagem

Roger Buono

roger.hinode@gmail.com

Comunicação

Orientador: Paulo Chagas de Souza



Flexão de pessoa nos substantivos da língua lakota

O lakota é uma língua do tipo head-marking falada no centro dos Estados Unidos, principalmente nos estados de Dakota do Norte e Dakota do Sul. Apresenta como características marcantes a intransitividade cindida, flexão para agente e paciente nos verbos transitivos, verbos com repetição de flexões, verbos de movimento e ausência de incorporação nominal produtiva. O presente trabalho visa analisar e demonstrar um aspecto da língua ainda pouco explorado: o uso das marcas de pessoa em pronomes pessoais, pronomes interrogativos, substantivos e números. Há nesta língua evidências de que o grupo de termos originalmente classificados como pronomes pessoais é composto de uma raiz verbal precedida por morfemas pessoais, os mesmos usados nos verbos regulares, e seu uso dentro de uma sentença é similar ao da clivagem. Da mesma forma que os pronomes pessoais, os substantivos, os números e os pronomes interrogativos também podem receber os mesmos morfemas em determinados contextos e, assim, exercer função de núcleo do predicado. O modelo teórico adotado para a análise da língua é a Gramática de Papel e Referência (Van Valin & Lapolla, 1998), um modelo funcionalista que busca compreender a manifestação de estruturas gramaticais levando em consideração seus aspectos semânticos e pragmáticos. Suas principais motivações são como desenvolver um modelo teórico baseando-se em línguas de tipologias diversas, especialmente aquelas de estruturas diferentes das do inglês ou de outras línguas europeias e de que modo a interação entre sintaxe, semântica e pragmática pode ser melhor descrita em sistemas linguísticos diferentes. A metodologia consiste em extrair e analisar as sentenças pertinentes de duas das maiores obras em língua lakota atualmente disponíveis: os livros *Dakota Texts* (Deloria, 1932) e *New Lakota Dictionary* (Ullrich, 2008). Tratam-se de textos culturalmente relevantes, não só pelo seu conteúdo e sua execução, mas também pelo engajamento social e representatividade de seus autores. As sentenças serão analisadas de acordo com sua estrutura morfológica e sintática, bem como pelo uso que é feito das ocorrências. Além disso, será necessário apresentar também o uso das marcas de pessoa nos verbos, em especial aqueles usados na identificação e categorização de entidades, a fim de estabelecer paralelos entre as duas ocorrências.

Palavras chave: Morfologia; sintaxe; lakota; funcionalismo

Rogério Gonçalves de Oliveira

roger_usp@yahoo.com.br

Comunicação

Orientador: Felipe Venâncio Barbosa



A variação articulatória em libras e a orientação sexual do surdo: estudo sobre a captura de movimentos e a percepção linguística

A presente pesquisa tem como objetivos: i) construir um corpus linguístico cinemático, com dados tridimensionais, da produção da língua brasileira de sinais e ii) realizar um teste, com base nesses dados, sobre a percepção da orientação sexual do surdo sinalizante e da qualidade da transmissão da mensagem. Para a construção do corpus, os sujeitos da pesquisa foram divididos em dois grupos (homens surdos gays e homens surdos heterossexuais), cuja sinalização foi capturada por meio de um sistema óptico de captura tridimensional de movimentos que permite observar, além de outras informações, os ângulos formados pelos movimentos do braço e antebraço. Os ângulos são descritos de acordo com o modelo de descrição articulatória proposto por Barbosa, Temoteo & Rizzo (2015), com base na análise goniométrica – método utilizado para medir os ângulos articulares do corpo. Os dados do corpus mostram que é possível analisar isoladamente os cinco ângulos formados pelo braço e antebraço na produção do sinal (abdução horizontal do braço, abdução vertical do braço, rotação do braço, rotação do antebraço e flexão do cotovelo), conforme o modelo citado e tomando como base os recursos do sistema de captura. O corpus construído fornece dados para comparação e análise das variações dos ângulos formados na produção de sinais dos surdos gays e heterossexuais. Para o estudo de percepção, outra frente desta pesquisa, foram selecionadas produções de quatro surdos sinalizantes (dois heterossexuais e dois gays) para servirem de estímulo para a realização de um teste de percepção. O teste é realizado por meio da aplicação de questionários que visam depreender a percepção dos participantes em relação à orientação sexual do surdo sinalizante e à qualidade da transmissão da mensagem. A pesquisa está na fase de aplicação dos questionários. Com os dados do estudo de percepção será possível observar se os surdos gays são percebidos como gays a partir de um estímulo que contempla apenas informações de movimento, ponto de articulação e número de mãos e, consequentemente, sem informações de outros parâmetros articulatórios das línguas de sinais como configuração de mão, orientação da palma da mão e marcações não-manuais. Com os dados do estudo de produção será possível realizar análises de variações sociolinguísticas na língua brasileira de sinais, especificamente aquelas que operam no nível fonético-fonológico.

Palavras chave: Língua brasileira de sinais; Orientação sexual; Ângulo e variação angular; Variação fonológica; Percepção linguística

Saulo Nogueira Schwartzmann

saulosns@gmail.com

Comunicação

Orientador: Ivã Carlos Lopes



O contraste na pintura e as relações entre o àtono e o tônico na gramática de ruptura.

Estipulamos, nesta comunicação, com base na semiótica tensiva de Zilberberg (2011), um esboço dos tipos de relações (ou redes interdependentes ou solidárias; cf HJELMSLEV, 1975, p. 29-30) existentes em uma pintura, analisando elementos da mesma categoria, que chamaremos de “contraste”. Nos objetos pictóricos, o contraste ocorre quando selecionamos para a análise elementos de mesma categoria plástica para servir de comparação; nesse caso, o contraste se dá pela forma da expressão. Assim, teríamos o contraste entre cores, o contraste entre as linhas, o contraste entre cores e linhas. Por exemplo: (a) relação de mesma hierarquia: relação entre cores; relação entre linhas; (b) relação de hierarquias diferentes: relação entre linhas e cores. Por exemplo, a linha limitando a cor. Há também um terceiro tipo de relação, a relação sintática ou de contraste, que compreende o contraste sintático: (c) relação sintática ou de contraste: a relação é de preenchimento e/ou de esvaziamento semântico. Em seus exercícios iniciais do Curso da Bauhaus (especificamente sua primeira aula, em 17 de junho de 1925), Kandinsky fala, em consonância com minha pesquisa, sobre regularidades, que se dariam de acordo com a tensão e o relaxamento previstos no modelo de Zilberberg. Tais regularidades levariam a efeitos de sentido de duas direções, a da evolução e a da revolução. Nota-se que, quando ele representa graficamente essas duas direções, não o faz com retas, mas com círculos. A evolução é um “círculo vicioso”, como ele a considera, e a revolução são movimentos horizontais com pequenas ascensões “imperceptíveis”, o que resulta uma forma espiral, nas suas palavras “cada novidade, um degrau” (KANDINSKY, 2003, p. 4). Em resumo, teremos, assim, modulações e tensões contínuas a ligar tipos de textos distinguíveis por critérios especificamente semióticos. O exame exaustivo das obras que compõem nosso corpus trouxe à tona reflexões pertinentes à sintaxe de seus objetos. Assim, nosso objetivo é examinar as relações entre as cifras tensivas, que engendram, por fim, uma gramática tensiva de continuidade (a função), que regeria duas subgramáticas, a de ruptura tônica e a de ruptura átona, objeto de nossa investigação.

Palavras chave: semiótica; artes plásticas; ruptura; vanguarda

Stela Maris Detregiacchi Gabriel Danna

smdanna@hotmail.com

Comunicação

Orientadora: Olga Coelho



O papel do espanhol no Brasil na primeira metade do século XX: uma proposta de estudo historiográfico

Embora sejamos rodeados por países hispano falantes, a descrição da língua espanhola passou a ganhar destaque no Brasil somente no início do século passado, enquanto outras línguas, como o inglês, francês e latim já estavam presentes, desde o século XIX, tanto em descrições linguísticas brasileiras quanto no currículo escolar de nosso país. Assim, motivadas por compreender melhor o papel do espanhol no Brasil na primeira metade do século XX, propomos uma pesquisa de doutorado, foco desta apresentação, que busca examinar “como” e “porque motivo” esta língua foi considerada merecedora de atenção de estudiosos e gramáticos brasileiros durante essas cinco décadas. Para tanto, decidimos analisar textos publicados durante esse período, compreendendo: a) as principais gramáticas de língua espanhola publicadas em território brasileiro (a saber algumas: NASCENTES, 1920; BECKER, 1943; BARROS, 1949); b) manuais ou textos linguísticos que descrevem, em alguma medida, a língua espanhola (tais como NASCENTES, 1919; SAID ALI, (1919[1908]), RIBEIRO, 1933[1921]; entre outros); c) leis, decretos, programas ou editais que tratam dessa língua e que podem dar alguma contribuição para respondermos ao nosso questionamento central (como exemplo, mencionamos a lei 3.674, de 1919, que institui o ensino de espanhol no Brasil). Operando com parâmetros da área da Historiografia Linguística, consideramos que nenhum conhecimento linguístico é produzido fora de um contexto sócio-político-ideológico (KOERNER, 1989; SWIGGERS, 2005[2004]); por essa razão, acreditamos que, para responder às perguntas feitas, é necessário analisar tanto os dados oriundos dos materiais selecionados (isto é, realizar uma análise ‘interna’) quanto os dados oriundos de uma análise ‘externa’ a essas obras (em que são abarcados dados pertinentes do contexto intelectual e social da época). O cruzamento de tais dados possibilitou-nos elaborar uma interpretação historiográfica inicial que contribui para entendermos o lugar do espanhol, no Brasil, no começo do século XX.

Palavras chave: historiografia linguística; espanhol no Brasil; século XX

Tarcisio Antonio Dias

tarcisio.antonio.dias@usp.br

Pôster

Orientadora: Luciana Raccanello Storto



Algumas considerações sobre as construções de cópula da língua Karitiana

Neste trabalho serão feitas algumas considerações acerca das construções de cópula da língua indígena brasileira Karitiana (família Tupi, subfamília Arikém) que levantam problemas próprios a Teorias Sintáticas Formais. As reflexões aqui desenvolvidas terão como base dados presentes na literatura referendada tal como em (1) abaixo, retirado de Storto (2010).

(1)

taso ₁	(Ø-na-aka-t)	t ₁ i-kat- Ø
homem	3-DECL-COP-NFUT	PART-dormir-CONC.ABS.

'O homem está dormindo'

Storto (op. cit.) propõe que as sentenças copulares do Karitiana sejam estruturas bioracionais em que a cópula seleciona uma small clause nominalizada como complemento de onde ela extrai o seu sujeito. Apenas nomes, adjetivos e verbos intransitivos podem ocorrer como predicado da sentença copular. Isso nos leva a questionar por qual motivo há uma restrição quanto à ocorrência de verbos transitivos neste contexto. Além disso, sempre que o núcleo minioracional é um predicado não nominal, o nominalizador {i-} é obrigatoriamente prefixado a adjetivos e a verbos, o que ainda carece de explicação. Outro aspecto interessante é o fato de as construções de cópula serem sufixadas com o morfema {-t/- ø}, que Storto (2008) alega ser uma marcação de concordância absoluta, visto que ele ocorre em sentenças Qu- sempre que um argumento absoluto é extraído. Já Rocha (2016), ao observar um paralelo entre as construções de cópula e as construções adverbiais na língua, reanalisa o sufixo {-t/- ø} como sendo um morfema adverbializador, tendo em vista a sua ocorrência obrigatória em orações adverbiais. O desafio que a reanálise do autor coloca à análise de Storto (2010) concerne ao estatuto de complemento atribuído pela autora à small clause da construção de cópula. Possuindo um caráter adverbial, surge a possibilidade de analisá-la como um adjunto. Isso posto, teríamos de explicar qual a natureza do movimento do sujeito minioracional para a posição pré-copular sem lidar com efeitos de ilha. Por fim, há ainda um outro problema levantado pelo impasse teórico colocado pelas diferentes análises dos autores supracitados. Conforme aponta Storto (2010), a cópula apresenta invariavelmente um prefixo zero de 3ª pessoa, o qual concordaria com o complemento minioracional nominalizado, o que é compatível com o sistema de concordância ergativo-absolutivo da língua. Entretanto, caso fosse atribuído um estatuto de adjunto à small clause, teríamos de explicar a que elemento a marca de concordância está relacionada, visto que seria bastante estranho dizer que a cópula concorda com um elemento que funciona como adjunto (Rocha: 2016, p.194). Desta forma, verificamos que ainda está por ser feita uma proposta de derivação sintática para tais construções que esteja em conformidade com os fatos descritos.

Palavras chave: cópula; sintaxe; Karitiana

Vitor Augusto Nóbrega

vitor.augusto.nobrega@gmail.com

Comunicação

Orientadora: Ana Paula Scher



Por uma Teoria dos Primitivos Linguísticos: Emergência e Distribuição em Tipos

Neste trabalho, argumentamos que a Faculdade da Linguagem (FL) contém somente quatro primitivos linguísticos, compostos por duas categorias de traços semânticos:

- I. **Traços [\pm S/emânticos]:** Acessíveis para a computação sintática, atuando como categorizadores, núcleos de fase ou em relações de dependência;
- II. **Traços [\pm C/oncituais]:** Inoperantes sintaticamente, atrelados a um conteúdo descritivo (e.g., ÁRVORE, CASA, etc.).

Conjecturamos que esses traços semânticos são sintetizados no processo de atomização de conceitos pré-linguísticos em entidades linguísticas, através de duas interfaces da FL, (i) uma raiz inicial zero ($\sqrt{0}$) e (ii) um traço inicial zero (F0), ambas subespecificadas. Toda vez que um conceito pré-linguístico é associado a uma dessas interfaces, cria-se uma raiz lexical (e.g., $\sqrt{1}$ = árvore) ou um traço “gramatical” (e.g., F1 = tempo: passado). No processo de atomização, conceitos pré-linguísticos são, abstratamente, marcados positiva ou negativamente para cada um dos traços semânticos e a distribuição dos valores gera uma entidade linguística com propriedades morfossintáticas e interpretativas particulares, resumidas no quadro abaixo.

Primitivos	Entidades Linguísticas
[-S, -C]	Raízes
[+S, -C]	Categorizadores, Pronomes, Tempo, Aspecto, Voz, Determinantes, Complementizadores, Traços ϕ
[-S, +C]	Classificadores, Afixos não-transposicionais
[+S, +C]	Classes nominais, Categorizadores com conteúdo descritivo

O primitivo [-S, -C] corresponde às raízes. Raízes são entidades linguísticas sem um conteúdo inerente, fato evidenciado por sua polissemia, sendo associadas a uma interpretação apenas em LF (HARLEY, 2014). Tal característica justifica seu traço [-C]. Além disso, raízes não contêm uma instrução categorial prévia; não desencadeiam movimento; não operam como núcleos de fase; não entram em relações de dependência e são entidades “fracas”, impossíveis de servir como núcleo de uma composição {X, X} ou {X, XP}, o que valida sua natureza [-S]. O primitivo [+S, -C] corresponde a entidades linguísticas acessíveis para a computação sintática [+S], as quais, entretanto, não estão associadas a um conteúdo descritivo, [-C]. Essas entidades podem operar como núcleos de fase, tais como os núcleos categorizadores, os núcleos D e C, Voice/v, ou como informações que desencadeiam relações de dependência, tais como os traços ϕ . A esse primitivo, estão associados os traços (ditos) gramaticais da linguagem humana. Por outro lado, os primitivos [-S, +C]

contêm somente um conteúdo descritivo, o qual é co-extensivo e previamente determinado. Seu caráter co-extensivo é de extrema relevância, pois estabelece uma distinção entre o que é uma raiz e o que é um classificador nas línguas naturais. Embora ambos estejam associados a um conteúdo descritivo, o conteúdo dos classificadores não está sujeito à variação (AIKHENVALD, 2000). Além disso, essa caracterização explica, diretamente, por que afixos não-transposicionais (e.g., -eiro, [[abacat]Neiro]N)) não operam como núcleos de fase e não alteram a categoria lexical da base (viz., ausência de um traço [+S]). Por fim, temos os primitivos [+S, +C], os quais estão acessíveis para o componente sintático [+S] e estão atrelados a um conteúdo descritivo [+C]. Exemplos desses primitivos são as classes nominais das línguas bantas, as quais apresentam um complexo sistema de dependências, e os categorizadores com conteúdo descritivo, os quais adicionam um significado e alteram a categoria lexical da base (e.g., -ismo, [[real]Aismo]N)).



Palavras chave: Raízes; Traços gramaticais; Evolução da Linguagem

Vivian de Ulhôa Cintra Bernardo

viv.bernardo@gmail.com

Pôster

Orientador: Paulo Chagas de Souza



A morfologia de concordância no português brasileiro sob uma perspectiva baseada no uso

Nesta pesquisa de mestrado, investigaremos como a perspectiva cognitivo-funcional da Linguística trataria os fenômenos de concordância de gênero, número e pessoa no português brasileiro (PB). Como este framework é centrado no uso e voltado para o significado, ele pode render contribuições importantes a essa pesquisa, que propõe analisar fenômenos morfológicos como do masculino genérico, da resolução de concordância de gênero, da interação entre as categorias de concordância (gênero, número e pessoa), ou mesmo para definir mais precisamente quais as condições de concordância no PB. Nesse sentido, interessa-nos investigar quais seriam as alternativas que a Linguística Cognitiva ofereceria para os estudos de Morfologia sobre concordância, a partir da experiência (biológica ou social) do uso atual da língua. Dado que o referido modelo teórico – que se “constituiu institucionalmente como paradigma científico há pouco mais de 15 anos” (SOARES DA SILVA, 2008:189) e que vem ganhando espaço no meio acadêmico internacionalmente – se propõe a abranger diferentes áreas da Linguística, espera-se que os estudos sobre morfologia de concordância também estejam incluídos. Portanto, parece relevante fazer uma pesquisa como esta, para compor um cenário de produção científica ainda esparso nesse tópico – em um levantamento inicial, deparamo-nos com trabalhos como os de Talmy (2000), Taylor (2002), Dirven & Verspoor (2004), Geeraerts & Cuyckens (2007), Langacker (2008) e Bybee (2016), que pontualmente, em alguns capítulos, abordam questões relacionadas à morfologia flexional. Em síntese, nossos objetivos na pesquisa que se inicia são: 1) Investigar a bibliografia sobre morfologia flexional dentro da Linguística Cognitiva; 2) Analisar a interação entre categorias de concordância e que fatores interferem nesse fenômeno no PB (ordem dos SNs, relação sintática, causalidade, construção de zona ativa, prototipicidade, entre outros); 3) Explicar a existência do masculino genérico no PB e verificar a possibilidade de contribuições de conceitos como metáfora, polissemia e hiperonímia, vastamente analisados na Linguística Cognitiva, para essa explicação. Assim, procuraremos contribuir para os estudos da Morfologia por meio de métodos quantitativos, que iluminem ocorrências e frequências de uso dos nossos objetos de investigação em corpora já prontos e disponíveis (NURC-RJ e SP2010), utilizando o software R (TEAM, 2011) para a computação dos dados, e de uma posterior análise qualitativa dos resultados obtidos.

Palavras chave: Morfologia flexional; Concordância; Linguística Cognitiva; Português Brasileiro

Wânia Miranda

miranda.wania@gmail.com

Comunicação

Orientador: Marcos Lopes



Concordância verbal nas comunidades quilombolas de Itamatatiua e Manuma, em Alcântara/MA: uma contribuição para a discussão sobre o contato linguístico no português do Brasil.

Nas discussões sobre o contato linguístico no português do Brasil, um dos fenômenos que sempre aparece como indicador deste contato é a morfologia verbal e a redução do paradigma desta morfologia no português brasileiro (PB). Diversos trabalhos abordam essa questão em dados de comunidades rurais quilombolas, como em Helvécia/BA (Lucchesi, Baxter e Silva (2009)), por exemplo. Essa redução do paradigma verbal levaria o PB a utilizar mais os pronomes sujeitos, se comparado ao uso desses pronomes no português europeu. Apresentamos dados de duas comunidades quilombolas de Alcântara, no Maranhão: Itamatatiua e Mamuna. Nessas comunidades evidenciam-se dois tipos de marcação não padrão de terceira pessoa de plural:

- 1) aí saía aqui as canoa encostava botava os pote – ENJ/ITM
- 2) depois que eu tô morano aqui que eles cumeçaro – CMDS/MMN

O dado em (1) não apresenta qualquer marca de plural no verbo, o que contribuiria para a redução do paradigma verbal do PB e a presença cada vez mais explícita do pronome sujeito, corroborando com trabalhos já realizados. Já o dado (2), embora não padrão, apresenta uma marcação de plural no verbo. Esse tipo de ocorrência corresponde a maior parte dos dados nas duas comunidades. O que pode parecer apenas uma questão morfológica apresenta contextos que evidenciam consequências sintáticas. Essa marcação plural não padrão tornaria opcional a presença do sujeito (5) e, ainda, pode apresentar sujeitos no singular, nesse sentido, ao que parece, bastaria essa flexão verbal para indicar a pluralidade (6):

- 5) tem uma escola que Ø fizeram aqui já Ø fizeram duas escola – MGS/MMN
- 6) ele fico é dizendo ... que se ele vão matar uma pessoa ... ele fico é dizendo – RJ/ ITM

Discutiremos as consequências desse tipo de marcação para o contato linguístico, trazendo à baila, ainda, contextos inesperados em que essa marcação ocorre.

Palavras chave: contato linguístico; concordância verbal; comunidade quilombola

Wellington Santos da Silva

wellington.santos.silva@usp.br

Pôster

Orientadora: Esmeralda Vailati Negrão



Por uma História Linguística do Ciclo do Ouro: estudo das estratégias de impessoalização do português brasileiro

Este trabalho tem como objetivo a realização de um mapeamento da história dos contatos linguísticos estabelecidos em Minas Gerais, no período de emergência da economia do ouro. Conforme aponta a literatura, o surgimento da economia mineira teve diversos impactos na formação social da Colônia, tais como: intensos movimentos populacionais (SOUZA, 2004); aquecimento do tráfico de escravos (BONVINI, 2009); formação de uma sociedade ainda mais heterogênea (SOUZA, 2004). Deste modo, tomando como base as propostas de Negrão & Viotti (2012), defendemos a hipótese de que a nova ordem social-política- econômica estabelecida nessa região específica do Brasil constitui-se como elemento relevante para se compor uma História Linguística do português brasileiro (PB). O arcabouço teórico direcionador da pesquisa corresponde às propostas de Mufwene (2008) para o estudo da evolução linguística, para quem os processos de variação e de mudança na língua são resultantes dos contatos processados na ecologia linguística. Para Mufwene, enquanto interagem entre si, os falantes acabam por fornecer aspectos de seus idioletos para o feature pool, no qual ocorrem os processos competição e seleção, levando a fenômenos de reestruturação e ao surgimento de novas variedades linguísticas. Neste sentido, o trabalho aqui proposto toma o ciclo do ouro como uma ecologia linguística privilegiada para se investigar o surgimento de algumas estruturas sintáticas de impessoalização que, na História Linguística do PB, têm singularizado esta língua frente ao português europeu (PE) e outras línguas românicas. Acorados nos argumentos de Negrão & Viotti (2012), argumentamos que o contato do PB com algumas línguas africanas – sobretudo as línguas Gbe, frequentes na fase do tráfico por nós enfocada (SOUZA, 2001) – fez com que essas estruturas sintáticas emergissem na língua. A fim de perseguir tal hipótese, realizaremos uma pesquisa de caráter interdisciplinar, recorrendo aos trabalhos de História Social para reconstruir as redes sociais (MILROY, 2004) estabelecidas na sociedade mineira, procedendo também ao exame de corpora que apresentem as estruturas sintáticas do português falado à época, tais como: os textos do projeto Filologia Banderante; o Acervo do Barão de Camargos; e a documentação pertencente às Irmandades Religiosas de negros surgidas nas Minas.

Palavras chave: Contato; ecologia linguística; estratégias de impessoalização

Wendel Silva dos Santos

wendel2510@gmail.com

Comunicação

Orientador: Ronald Beline Mendes



Percepção Sociolinguística do Subjuntivo e do Indicativo em São Paulo: análises preliminares

Relativamente a variáveis fonéticas, variáveis gramaticais têm recebido menos atenção dos estudos de percepção (vejam-se, contudo, Levon & Buchstaller, 2015; Mendes, 2016). O presente trabalho contribui para diminuir essa lacuna, ao apresentar uma análise da percepção estimulada por orações subordinadas no modo indicativo ou subjuntivo, organizadas de acordo com a técnica *matched-guise* (Lambert et al, 1960; Campbell-Kibler, 2008) e obtidas a partir de trechos lidos por dois homens e duas mulheres, todos paulistanos. Concentra-se em contextos de subordinação adverbial (nos quais formas indicativas e subjuntivas funcionam como variantes de uma variável – Santos, 2015), especificamente com os subordinadores *se*, *embora* e *talvez*, como em “se eu vou/for... pra Minas eu saio falando amineirado”, “embora eu quero/queira sair da cidade, eu gosto de morar aqui” e “com o passar do tempo talvez a gente acaba/acabe gostando mais da nossa mãe”. Apesar de um discurso veiculado pela mídia sobre o fato de que “paulistano não usa subjuntivo” (Freire, 2006), essa forma é a mais frequente em uma amostra de entrevistas sociolinguísticas gravadas com paulistanos em São Paulo – tanto nas orações adverbiais em geral, quanto naquelas com esses subordinadores em particular. No presente trabalho, pergunta-se, então, se paulistanos avaliam o indicativo (no lugar do subjuntivo) positiva ou negativamente. Se, por um lado, deixar de empregar o subjuntivo pode ser percebido como “erro”, por outro pode estar associado a uma noção de paulistanidade.

Palavras chave: Modo Subjuntivo; Percepção Sociolinguística; São Paulo